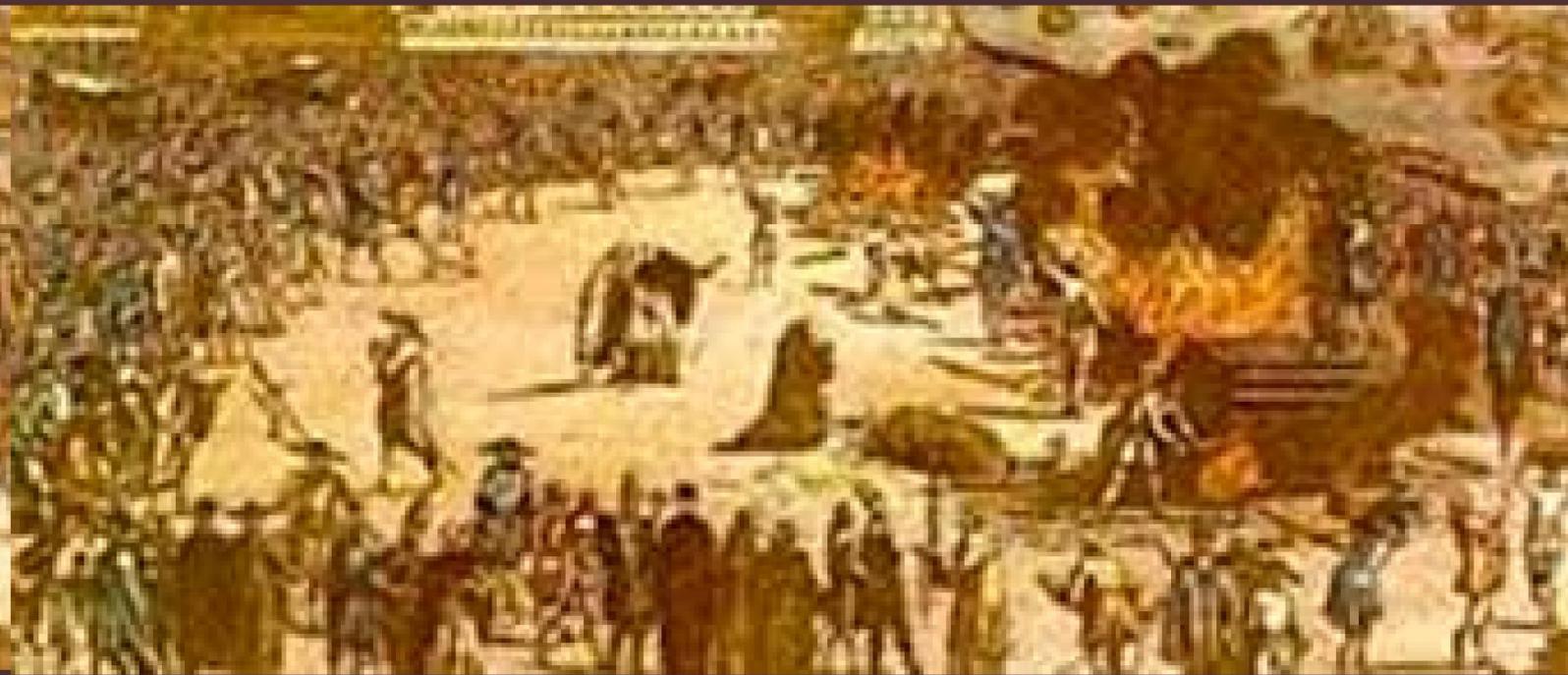


Florentino Barrera



O AUTO DE FÉ DE BARCELONA



Autores Espíritos Clássicos



www.luzespirita.org.br

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

O Auto de Fé de Barcelona

Florentino Barrera

Lançamento original:

Florentino Barreira - *El Auto de Fe de Barcelona*

Tercera Edición revisada y aumentada

Ediciones Vida Infinita

Junín 1357 1ª (1113)

Buenos Aires, 2008.

Tradução: Teresa de Espanha

Prefácio: Jorge Hessen

Revisão e Formatação: Ery Lopes e Irmãos W.

Versão digitalizada

© 2021

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita

Autores Espíritas Clássicos



www.luzespirita.org.br



Autores Espíritas Clássicos

Florentino Barrera

AUTO DE FÉ

DE

BARCELONA

TERCEIRA EDIÇÃO REVISADA E AUMENTADA

EDICIONES VIDA INFINITA

Ediciones Vida Infinita
Junín 1357 1ª A (1113)
Buenos Aires, 2008

Sumário

Préfacio – pág. 6

Prólogo – pág. 8

Introdução à livraria espírita – pág. 10

Análise bibliográfica – pág. 14

Livros, livreiros e censura – pág. 25

Espanha (1853 - 1888) – pág. 33

Os opositores – pág. 40

A publicação – pág. 46

Protagonistas e testemunhas – pág. 51

As obras queimadas – pág. 65

Um documento – pág. 67

O centenário – pág. 70

Bibliografia – pág. 73

Anexo – pág. 76

Edições Vida Infinita – pág. 77

Onde ocorreu o Auto de Fé De Barcelona? – pág. 79



ALLAN KARDEC

Óleo de Pierre Raymond J. Quinsac Monvoisin,
litografado por Ludovic Alfred de Saint-Edme.

Prefácio

Há 55 anos, a 9 de outubro de 1861, às dez e meia da manhã, na esplanada da cidade de Barcelona, foram queimados trezentos volumes e brochuras de obras espíritas. Exatamente 9 anos antes e sob os apupos do bispo Strossmayer, da Alemanha, era decretada a Infallibilidade Papal por Pio IX, momento em que a Igreja Católica caiu e jamais conseguiu se reerguer no mundo.

Naquele fatídico dia de 1861, quando as estradas-de-ferro fazem ouvir o ruído do progresso, o avanço da civilização, um bispo fez retroceder a épocas superadas. Os diários liberais (laicos) espanhóis, em suas edições do dia seguinte noticiavam sua condenação ao Santo Ofício de Barcelona.

O bispo Termens viu as chamas se erguerem até que consumiram de todo as encadernações, brochuras e revistas espíritas, enquanto isso os curiosos correram até às cinzas e recolheram punhados de papeis que conservavam ainda algo que se pudesse ler, salvo das chamas.

As obras foram enviadas por Allan Kardec a Maurice Lachâtre — um editor e escritor, um contestador por excelência, em choque permanente com o regime político e a religião católica dominante. Em 1857, Lachâtre foi condenado a um ano de prisão e a uma multa de seis mil francos, por ter editado o romance *Os mistérios do povo*, de Eugén Sue. Em 1861, escreveu a Allan Kardec, solicitando-lhe a remessa de livros espíritas, que desejava comercializar em sua livraria. Kardec enviou dois caixotes, contendo 300 livros. A remessa atendia a todos os requisitos legais da alfândega espanhola, mas a sua liberação foi sustada, sob a alegação de ser indispensável a aprovação do bispo de Barcelona, Antonio Palau y Termens.

O tempo passou célere e o bispo desencarnou. Foi mais tarde evocado no grupo mediúnico; sua comunicação, de caráter absolutamente imprevisto, continha, entre outras, o seguinte apelo:

“Orai por mim. Orai, porque é agradável a Deus a prece que lhe é dirigida pelo perseguido em benefício do perseguidor.”

Quando ainda encarnado, Palau y Termens via o Espiritismo através de um prisma particular, que lhe desnaturava as cores — ou, melhor dizendo, não o conhecia. Agora, no além, percebe o Espiritismo sob a sua verdadeira luz e lhe sonda as profundezas. “Morto”, aquele que foi bispo e que não passa de um arrependido não deixa de ser um belo recado das dignidades terrenas deixadas à beira do túmulo, para se apresentar a Deus tal que se é, sem os aparatos impostos aos homens.

O macabro espetáculo de Barcelona causou indignação através da imprensa de todo o mundo à época, evocando as antigas fogueiras do Santo Ofício, chamando a atenção para a questão do Espiritismo. Por causa disso Kardec refletiu: “Graças a esse zelo imprudente, todo o mundo, na Espanha, vai ouvir falar do espiritismo e quererá saber o que é; é tudo o que desejamos. Podem-se queimar os livros, mas não se queimam as ideias; as chamas das fogueiras as superexcitam em lugar de abafá-las. As ideias, aliás, estão no ar, e não há pireneus bastante altos para detê-las; e quando uma ideia é grande e generosa, ela encontra milhares de peitos prontos para aspirá-la.”

Aproveitando o fato, registrando na *Revista Espírita*, que já tinha assinantes em quase todo o mundo, Allan Kardec proclamou: “Espíritas de todos os países! Não esqueçais a data de 9 de outubro de 1861. Será marcada nos Anais do Espiritismo. Que ela seja para vós um dia de festa e não de luta, porque é o penhor de vosso próximo triunfo.”

E assim, o bem foi mais forte que as trevas.

São Paulo, 22 de dezembro de 2020

Jorge Hessen

PRÓLOGO

Uma nova edição costuma pressupor um texto corrigido, modificado e aumentado e neste caso uma nova forma e disposição dos seus capítulos, mudança que se transmite ao título que, tirando-lhe indefinição, identifica-o melhor do que o primogênito. Entre as novidades, apresenta a reprografia ou reconstrução de *Auto da Fé de Barcelona*, peça publicada por Allan Kardec em 1864, considerada verdadeira raridade bibliográfica. Um capítulo novo e maior número de ilustrações, entre elas um retrato pouco conhecido do divulgador que, em 1861 posara para Sr. Pierre Raymond Jacques Quinsac Monvoisin, artista plástico de reconhecida assinatura, sendo possível perceber, entre o damasquilho do sobretudo, letras e números alegóricos. R. E. jun. 1869. A isto é preciso somar a colaboração de dois pesquisadores brasileiros, Washington Fernandes e Enrique Eliseu Baldovino, que com as gravuras originais doadas para esta terceira edição, faz completar, com a presente, a série *Auto de Fé de Barcelona*.

A Librairie Spirite et des Sciences Psychologiques encomenda em 1872 ao pintor Ludovic Alfred de Saint-Edme a reprodução litográfica desta tela, cujas lâminas de 54 x 67 cm são fornecidas pelo *Catalogue Raisonné des Ouvrages, para poderem servir à fundação de uma biblioteca espírita* 3ª ed. Paris. 1873, pág 10, como Grande Retrato de Allan Kardec. Fotografia de um original, atenção de Júlio M. Dibón.

Boa parte da evolução está consagrada à onipotência, à busca pelo poder que se manifesta como paixão enraizada no íntimo do nosso ser e que vem sendo enfrentada com muito pouco sucesso desde a noite dos tempos.

Temos exemplo disso em casos notáveis, como aquele de um

imperador chinês que manda queimar os arquivos com a estranha ilusão de se tornar iniciador da história; ou os sacerdotes do deus Amon, que não satisfeitos com provocar o magnicídio de Akhenaton, mandam arrasar seus monumentos e apagar qualquer rótulo ou inscrição com o seu nome. Embora mais do que o deus, o que eles defendiam era a administração do tesouro público, que ele lhes tinha retirado.

No volumoso livro onde se assenta a luta que o progresso trava com as fraquezas humanas, os interesses de alguns ostentam o maior grau de perigosidade; não esqueçamos Sócrates e Jesus, amaldiçoados e suprimidos no altar da corrupção e do lucro. Kardec mostrou grande perspicácia em separar a prática do Espiritismo de tudo aquilo que representasse fonte de riquezas pessoais, como Jesus exigia aos seus apóstolos.

O auto de fé de Barcelona adquire particular significação histórica por condensar as perseguições e inconvenientes que tiveram de enfrentar os espíritas dos inícios para difundir as suas ideias, essas mesmas ideias de que nos sentimos convencidos. Sobre este acontecimento e suas conotações são os assuntos dos quais este ensaio se ocupa.

INTRODUÇÃO À LIVRARIA ESPÍRITA

No século XIX a livraria francesa entra em um período de notável esplendor, levada por acontecimentos políticos, sociais e culturais, em convergência com a Revolução Francesa, a Revolução de 1848, o sentimento republicano francês, a prática da tolerância religiosa, a política liberal, o progresso do jornalismo e a supressão de limites à expressão das ideias. Estímulos aos quais vêm somar-se outros não menos benéficos, como a prosperidade da França, a sua política comercial expansionista e o gosto das pessoas cultas pela língua francesa no mundo todo.

Com a revolução industrial os editores abandonam definitivamente o livro artesanal que reduzia suas tiragens a só quinhentos exemplares de seis francos, que ficavam esgotados em uma média de dez anos, substituídos pelo livro in-8 (inglês), conhecido também como 12 francês, pelas suas páginas dobradas em folhas de 12 por 18 cm., que eram colocados à venda por 2,50 francos ou 3 francos, conseguindo notável popularidade a “brochura”, ou livro de encadernação simples. Entrando em movimento esta grande roda, o livro francês acaba por abranger o mundo todo.

Porém se desejamos fazer uma apreciação a partir do Espiritismo, doutrina filosófica que nasce da revelação presidida pelo Espírito de Verdade e baseada nas obras do divulgador, é preciso nos remetermos então a outras manifestações, ou seja, a filosofia cristã, o humanismo e a publicação da Enciclopédia (1751), como também aquelas que são mediatas, como a legislação reformista, a diminuição da autoridade da

Igreja, a abertura em matéria de ensino oficial e o império liberal. A tudo isso devemos associar a reputação adquirida na área da instrução pelo professor H. D. L. Rivail, nome com que o autor costumava assinar os livros de uma coleção que outorgou a ele considerável prestígio. Cabe citar entre seus inúmeros títulos *Mémoire sur la instruction publique* (1831), dirigida à comissão revisora da Lei de Educação Pública criada na Carta Constitucional de 28 de Julho de 1833, que sanciona a Lei de Educação Pública universalmente conhecida como Lei Guizot. O relatório do professor Rivail, cuja tese é sustentada em correspondência com essa legislação, é anexada a esses antecedentes históricos.

Laços antigos vinculavam Kardec aos tradicionais distritos livreiros de Paris, e no que respeita ao Espiritismo ele os estreitará particularmente com Fréd. Henry Dentu, Éditeurs, ultimamente atendida pela viúva e filho em 13, Galerie d'Orléans no Palais Royal (Palácio Real); Librairie Ledoyen, 31 Galerie d'Orléans e junto ao Sena, Pierre Paul Didier, 35 quai des Augustins, para a *Grande Encyclopédie*.

Didier nascera em Paris (1800), e fez grande sucesso com a publicação dos cursos de estenografia de Villemain, Guizot e Cousin, adotando a firma de Librairie Accadémique (1828), selo com o qual alcança grande reputação ao publicar numerosas obras de História e Literatura. Ele e Ledoyen — ambos membros da Sociedade de Paris — ficam sendo entre 1860 e 1865 os principais editores das obras de Kardec.

No que respeita à Librairie Académique, ela editou para acadêmicos, membros do Instituto e autores eminentes, e foi prestigiada, entre outros, por Barante, Montalembert, A. Maury, B. de Saint Hillaire, Roger Collard, Monk, Peel, Mignet, Narbonex, Silvestre de Sacy, Ch. de Ramusat, Stanislas Julián, Casimire de la Vigne, Chassang, Amédée de Thierry e Camille Flammarion, cujo irmão Ernest vai iniciar na indústria editorial. Sua morte ocorre em 2 de Dezembro de 1865, sendo sucedido pelos filhos.

Librairie Internationale, de A. Lacroix, Verboeckhoven et Cie., 15 Boulevard Montmartre e sucursais em Bruxelas, Leipzig e Livônia (Riga), edita em 1868, *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*; segue-se a Librairie Spirite et des Sciences Psychologiques, rua de Lille n°

7, fundada por Allan Kardec para promoção do livro espírita e ciências afins, inaugurada em ausência dele em abril de 1869 e para a qual dá a conhecer *Catalogue raisonné des ouvrages pouvant servir a fonder une bibliothèque spirite*, Imp. Rouge, Dunon et Fresnet, Paris, 1869, 30 p. Em 1878 muda-se para a rua Neuve-des-Petites-Champs n° 5 e em 1890, na rua de Chabenais n° 1, para um local próprio, fechando suas portas em 1896. A partir de 1869 houve um período no qual sobressai a ponderada atuação que coube a Madame Allan Kardec, pois a mulher compartilha aqui, como entre os primitivos cristãos, idênticos direitos. Cabe mencionar que Kardec desenvolveu sua obra espírita no transcorrer do período conhecido como Segundo Império, cujo principal arquétipo foi Napoleão III.

Nesta ordem, segue-se outra firma comercial, que poderia ser considerada como natural continuadora, Librairie Leymarie, Éditeurs, rua Saint-Jacques n° 42. Estabelecida pelo Sr. Pierre Gaëtan Leymarie em 1896, antigo gerente por muitos anos, que vai atendê-la até 1901; e posteriormente seus herdeiros Madame Marina e o filho Paul Leymarie. Finalmente, o Sr. Jean Meyer em 1923 compra uma célebre residência para a La Maison des Spirites, rua de Copernic n° 8, e conta entre as suas inúmeras iniciativas a criação da Bibliothèque de Philosophie Moderne et des Sciences Psychologiques - B.P.S., que lançara as famosas Éditions Mille e que de uma só vez entregará setenta mil exemplares de *O Livro dos Espíritos*.

Os pais e educadores eram recebidos costumeiramente pelos autores de manuais e textos, para serem assessorados sobre o manejo e as novidades incorporadas em seus livros e o professor Rivail ocupava-se também dos seus, baseados no moderno método pestalozziano. Desejoso de conceder mais tempo ao Espiritismo, a partir de 1857 não mais irá aumentar a extensa lista com novos textos, e só irá atualizar aqueles textos mais requeridos.

Porém o maior precursor na atividade editora foi o Bureau de la *Revue Spirite*, rua des Martyrs n° 8, entre 1858-60 e em 59, rua e passagem Sainte-Anne até março de 1869. Esta editora é que dará origem à vasta indústria do livro espírita que adquire notoriedade pela década de 1880 e

completa na atualidade um acervo de nutridas coleções acompanhadas de uma nomenclatura que responde às suas necessidades, em catálogos, dicionários e bibliografias e outras obras. Incluindo a informática, a partir dos próprios inícios da mesma.

ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

Uma nutrida crônica permite apreciar o auto de fé de Barcelona em seus antecedentes e conseqüências a través de referências obtidas de primeira fonte.

Pontualmente um mês antes desse fato, em 9 de Setembro de 1861, o divulgador dirigia-se aos lioneses em memorável palestra, onde não somente dimensionava o verdadeiro canal da doutrina como também, em certo modo, vaticinava um incidente cuja determinação estava em vias de solução.

Quando estes laços forem compreendidos, irá influir a própria força das coisas nas relações sociais, como também na legislação social mais tarde, onde deveriam ser tomadas por bases as imutáveis leis do amor e a caridade. Estas anomalias, tão chocantes para os homens de bom senso, desaparecem do mesmo modo que foram dissipadas as leis da Idade Média, que para os homens de hoje seriam repugnantes. Porém, esta é obra do tempo, deixemos aos cuidados de Deus colocar cada coisa em seu lugar, esperando tudo da sua sabedoria, agradecendo a Ele por nos permitir assistir esta nascente aurora para a humanidade e ter sido escolhidos entre os primeiros operários da grande empreitada que começa.

A terceira categoria de adversários é a mais perigosa, porque é tenaz e páfida. Está formada por aqueles cujos interesses materiais podem sentir-se feridos, combatem nas sombras, sem que faltem a eles as flechas envenenadas da calúnia. São esses os verdadeiros inimigos do

Espiritismo e o foram em todos os tempos, frente às ideias de progresso. Encontram-se em todas as filas e em todas as classes sociais: será que poderão vencer? É claro que não, porque não é dado ao homem contrariar a marcha da natureza e o Espiritismo pertence à ordem das coisas naturais. *R.E.* out. 1861. (Leia-se *Revista Espírita*, Paris, outubro 1861).

Lembremos a nobre luta de Diderot e D'Alémbert e os inconvenientes que um século antes teve de superar a *Enciclopédia Francesa* (1761-65) para iluminar os valores culturais do ocidente. O Espiritismo enfrenta agora esses mesmos inimigos.

Uma nota intitulada *Ressábios da Idade Média* conta um fato que, pelas suas proporções, chegou a despertar a atenção pública, quando o bispo de Barcelona confiscou um lote de livros, folhetos e publicações espíritas.

Allan Kardec dá a conhecer um breve testemunho desse ato: “Hoje, nove de outubro de mil oitocentos sessenta e um, sendo dez horas e trinta da manhã na esplanada da cidade de Barcelona, lugar onde se executam os criminosos condenados ao último suplício, foram queimados por ordem do bispo daquela cidade trezentos volumes e folhetos sobre Espiritismo, a saber, a *Revista Espírita*, diretor Allan Kardec; a *Revista Espiritualista*, diretor Piérard; *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec; *O Livro dos Médiuns*, do mesmo autor; *O Que é o Espiritismo?*, do mesmo; *Fragmento de Sonata*, ditada pelo Espírito de Mozart; *Carta de um Católico sobre Espiritismo*, do Dr. Grand; *A História de Joana d’Arc*, ditada por ela mesma à senhorita Ermance Dufaux; *A Realidade dos Espíritos* demonstrada pela Escrita Direta, do barão sueco de Guldenstubbé. Estavam presentes nesse auto de fé um sacerdote com vestes sacerdotais, trazendo uma cruz em uma das mãos e uma tocha na outra. Um escrivão encarregado de redigir a ata do auto de fé. O secretário do escrivão. Um funcionário da administração da alfândega. Três serventes da alfândega encarregados de alimentar o fogo. Um agente da alfândega em representação do proprietário das obras condenadas pelo bispo. Uma multidão lotava a calçada e cobria a imensa esplanada onde foi levantada a fogueira. Quando o fogo consumiu os trezentos volumes e folhetos espíritas, o sacerdote e seus ajudantes retiraram-se cobertos pelas zombarias e maldições dos numerosos

espectadores, ao grito de ‘Abaixo a inquisição!’ Várias pessoas aproximam-se da fogueira para recolher cinzas.”

Entre a imensa multidão que lotava a calçada foram recolhidos fragmentos meio queimados de *O Livro dos Espíritos*. Nós os conservamos como precioso e autêntico testemunho daquilo que foi esse ato de insensatez.

Seguem duas manifestações mediúnicas; a primeira pertencia a Dolet, livreiro do s. XVI. “O amor à verdade deve sempre se fazer ouvir, porque descortina o véu e brilha ao mesmo tempo em toda a parte. O Espiritismo está sendo conhecido por todos e muito em breve será considerado e posto em prática. Esta sublime doutrina, quanto mais for perseguida, mais prontamente chegará ao apogeu. Seus mais cruéis inimigos, os inimigos de Cristo e do progresso comportam-se como se ignorassem que Deus permite àqueles que deixaram esta terra de exílio retornar aos que amaram. Tenha certeza de que as fogueiras irão se apagar por si mesmas e, se os livros são lançados ao fogo, o pensamento imortal sobreviverá” — Dollet.

A mensagem pertence a Dolet e não Dollet, como foi consignado erradamente. Etienne Dolet, humanista notável, filólogo, impressor e livreiro do s. XVI, condenado pela inquisição, foi queimado em Paris em 1546 junto com seus livros. A posteridade veio a reconhecer, a ele como mártir do Renascimento, e àquela condena, como crime de lesa-cultura.

A seguir é dada a conhecer uma síntese da comunicação vertida por São Domingos de Gusmão, que poderá ser apreciada por extenso mais à frente; ele foi, no século XIII, o primeiro inquisidor que atuou na cruzada contra os albigenses. *RE* nov. 1861.

O caráter dos jornais espanhóis contrasta com o dos franceses; segue-se um resumo do que foi publicado por alguns deles.

Las Novedades, de Madri: Foi recebida com indignação na Espanha a notícia de um auto de fé celebrado em Barcelona, a civilizada capital da Catalunha, em meio a uma população essencialmente liberal. Vem precedido de outro realizado faz poucos meses em La Coruña.

O *Diario de Barcelona*, jornal de extração conservadora fundado em 1792: Os títulos dos livros queimados justificam a condenação, porque é

direito e dever da Igreja fazer respeitar sua autoridade quanto maior for a liberdade de imprensa nesses países que possuem essa terrível chaga que é a liberdade de cultos.

La Corona, vespertino de Barcelona de origem liberal fundado em 1853, nos dias 11 e 15 de Outubro reserva espaço para os comentários de Román Lacunza, que aparecem na primeira página e em colunas interiores: Parece que os livros não foram devolvidos ao proprietário, ao seu lugar de procedência, apesar de terem sido obrigados a pagar taxas. Não podia o governo consentir, por serem contrários à moral e à fé católica, que estes livros pudessem perverter a moral e a religião em outros países. Uma grande multidão assistiu ao auto de fé, atraída por um espetáculo que produziu estupefação, risos e indignação, onde irrompeu com frases de irritação e caçoada. Finalmente algumas pessoas se adiantaram para recolher cinzas e restos dos livros incinerados.

La Corona faz uma pergunta, sobre se um bispo diocesano deve ter autoridade sem apelação para impedir a publicação e circulação de um livro e se, diante de casos de censura de livros perniciosos, a jurisprudência autoriza serem lançados ao fogo com tanto estardalhaço.

Porque, havendo infração do artigo 6º, a diocese e o governo poderiam ter impedido a circulação sem o posterior desfecho e, em um caso assim, os sacerdotes deveriam ter-se limitado a aconselhar os fiéis. Ressalta também o absolutismo e a conduta evidenciada naquela quarta-feira. *RE.* 18 de dez.

A pedido de M. Lachâtre uma remessa de livros, folhetos e publicações foi enviada a Barcelona. A expedição foi realizada regulamentariamente através do seu correspondente em Paris, empacotada junto com outras mercadorias, sem que houvesse qualquer contravenção de disposição legal alguma. Chegando ao destino, as taxas de alfândega foram pagas, e alguns exemplares foram separados e deixados em reserva, à disposição do bispo. Foi preciso esperar para conhecer a decisão, porque o prelado estava em Madri; quando ele voltou, ordenou confiscar as obras e fazê-las queimar em praça pública pela mão de um carrasco, sentença a executar em 9 de Outubro de 1861.

Se a introdução das obras fosse produto de um contrabando, a

autoridade espanhola teria estado em seu pleno direito; porém, não havendo fraude nem surpresa, o justo seria ordenar que elas fossem reexportadas. As reclamações perante o cônsul francês não deram resultado, e por isso M. Lachâtre consultou-me sobre se deveria apresentar recurso de alçada perante a autoridade superior; mas eu respondi a ele que deixasse ser consumado esse ato arbitrário.

Pedi o seguinte conselho ao meu guia espiritual: Sem dúvida, não ignoras o que acabou de acontecer com as obras espíritas em Barcelona. Terias a bondade de me dizer se vês conveniente que eu busque conseguir uma restituição?

“Em direito, poderias reivindicar essas obras e com certeza irias conseguir a reparação se te dirigisses ao ministro de Negócios Estrangeiros da França. Porém as minhas previsões são que, aquilo que irá resultar do auto de fé, acontecerá para um bem maior do que poderia ser alcançado com sua leitura. O fator material é nada, se comparado com o realce que um fato como esse pode trazer. É conveniente uma perseguição tão ridícula como antiquada, para que o Espiritismo avance na Espanha. Porque deste modo as ideias voarão mais rapidamente e as obras serão mais insistentemente citadas do que se não tivessem sido queimadas. Tudo acontece para o bem. Seria conveniente publicar no próximo número da revista algum artigo a respeito. Espere o auto de fé.” *La Verdad*, médium M. d’A. (M. Arnald D’Ambel).

Enquanto os principais jornais espanhóis davam conta detalhada do acontecimento e a imprensa liberal o condenava, os jornais liberais da França limitavam-se a publicar a notícia sem comentários.

Le Siècle, de Paris, um estigmatizador dos abusos do poder e dos mínimos atos de intolerância do clero, não teve para este fato, digno da Idade Média, uma só palavra de reprovação. Porém os jornais de pouca circulação fizeram-no objeto das suas brincadeiras.

Diante deste silêncio suspeito, que Allan Kardec denuncia, não se encontra explicação mais lógica senão que as influências se movimentaram para evitar que um escândalo indignasse o sentimento francês em circunstâncias em que as relações entre ambos os Estados estavam muito longe de ser ótimas, ou pudesse perturbar a aproximação

que o governo procurava reconstruir com a Igreja.

O acontecimento deu lugar a uma comunicação recebida espontaneamente na Sociedade de Parisiense de Estudos Espíritas em 19 de Outubro, ao retorno de uma viagem a Bordeaux:

”Era necessário que alguma coisa arrasasse de uma violenta pancada certos espíritos, encarnados, para que eles decidissem se ocupar desta grande doutrina que vem para regenerar o mundo. Nada na vossa Terra é feito inutilmente e nós, que inspiramos o auto de fé de Barcelona já sabíamos que agindo assim iríamos fazer o Espiritismo dar um grande passo à frente. Este acontecimento brutal, desconhecido para os tempos atuais, foi consumado para chamar a atenção dos jornalistas, que indiferentes permitiram falar e fazer, e se obstinando em permanecer surdos, respondem sempre com o mutismo à busca de propaganda dos adeptos dessa ideia. Porém, com este acontecimento, tiveram de se ocupar para afirmá-lo ou desmenti-lo, dando lugar a uma polêmica que deve concluir dando a volta ao mundo e da qual o Espiritismo vai sair beneficiado. A retaguarda da inquisição, porque nós assim o desejamos, acabou de realizar seu último auto de fé”. Um Espírito (São Domingos de Gusmão).

A seguir, um breve comentário. Recebi de Barcelona um desenho em aquarela, executado sobre o terreno por um reconhecido artista, representando o auto de fé, que fiz reproduzir através de redução fotográfica; além de cinzas recolhidas na pira, com fragmentos de páginas queimadas que conservo em uma urna de cristal. *Obras Póstumas*, 2ª Parte temas 21 e 22. Ver também “Acontecimentos”.

Em palestra pronunciada em Bordeaux, Kardec manifestava que os inimigos interessados em combater a doutrina não podem ser atraídos pela persuasão, porque eles não buscam a luz, são daqueles cegos que não querem ver. E se nos atacam, não é por estarmos errados, e sim porque estamos certos. Julgam o Espiritismo prejudicial porque lesa seus interesses materiais, porém não ligariam para ele se pensassem que é apenas uma quimera. Este encarniçamento cresce em razão do avanço da doutrina, e sua importância pode ser medida pela violência dos ataques contra ela.

Enquanto o Espiritismo era reduzido ao movimento das mesas, eles não se pronunciaram; porém, a despeito de sua vontade, observam hoje a transformação e empregam outros meios, que apenas evidenciam sua impotência. Pelos interesses materiais o terreno será disputado palmo a palmo, porque nada são para eles os sagrados direitos da humanidade; a mesma coisa acontece entre os escravagistas norte-americanos: que pereça a união que constitui a nossa glória, antes que os nossos interesses! Assim falam os adversários do Espiritismo porque o humanitarismo é a sua menor preocupação. *RE.* nov. 1861.

Morre o bispo de Barcelona, e da Espanha um correspondente convida a evocá-lo (Fernández Colavida).

“...Queimaste as ideias e as ideias te queimaram! ... orai por mim, orai porque é agradável a Deus a oração do perseguido em favor do perseguidor. Aquele que foi bispo e não deixa de ser um penitente.”

Diante destas sinceras expressões, Allan Kardec opina:

“Quem conheceu o Espiritismo sob uma ótica particular e pensa de maneira diferente depois da morte, dá provas de incontestável superioridade e convida, no aniversário do auto de fé, a orar por ele. *RE.* ago. 1862. Neste momento existe uma verdadeira cruzada contra o Espiritismo; em diversos lugares registram-se escritos, discursos e até atos de violência e intolerância. Porém os espíritas devemos nos alegrar porque isto prova que o Espiritismo não é uma utopia. Fariam todo esse estrépito por uma mosca que não voa? Nossos guias espirituais disseram-nos que não tudo está realizado, que as labaredas de Barcelona não se elevaram o suficiente. Mas que se elas vierem a se repetir em outro lugar, devemos nos guardar de extingui-las, porque quanto mais alto o fogo, mais ele será divisado ao longe, como um farol. Isto ficará gravado na lembrança, é preciso deixar que as coisas fluam sem lhes opor violência. Lembremos de Cristo pedindo a Pedro para embainhar a espada. Somente pelo raciocínio a verdade é provada, porque as perseguições acabam enfraquecendo a lógica.” *RE.* mar. 1863.

“Necessariamente toda ideia nova tem contra ela aquelas opiniões e interesses que lhe são opostos. Há quem julgue que os interesses da Igreja estão comprometidos. Pensamos que não, embora a nossa opinião

não seja lei. Somos atacados com tal furor que somente faltam as grandes execuções da Idade Média. Os sermões e pastorais lançam raios em cada linha, as publicações e artigos nos jornais não cessam sua chuva de pedras contra nós, a maioria mostra em suas expressões um cinismo muito pouco evangélico, e em alguns deles a raiva chega a atingir o frenesi.” *RE.* jun. 1863.

A pastoral do bispo de Argel de 18 de agosto de 1863, é a primeira ordenança lançada para interditar oficialmente o Espiritismo em uma cidade. Esta data ficará registrada nos anais do Espiritismo, como a de 9 de Outubro de 1861, dia memorável para sempre do auto de fé de Barcelona ordenado pelo bispo daquela cidade. Porém como os ataques, críticas e sermões não produzem o efeito esperado, buscam dar o golpe pela excomunhão oficial. Vamos ver se, desta maneira, conseguem o seu objetivo. *RE.* nov. e dez. de 1863.

Foi dirigida uma verdadeira cruzada contra o Espiritismo; e, em certo modo, o período de luta inicia-se com o auto de fé de Barcelona, porque até então éramos objeto de sarcasmos, daquela incredulidade que ri de tudo, principalmente daquilo que não compreende, mesmo das coisas mais santas, às quais nenhuma ideia nova pode escapar. É um batismo de fogo, os outros riem, nos contemplam com cólera, sinal evidente da importância do Espiritismo, porque desse momento em diante, os ataques adquirem um caráter de incrível violência. Recebida a ordem, coléricos sermões, mandamentos, anátemas, excomuniões, perseguições individuais, livros, folhetos e até os artigos nos jornais não economizam esforços sequer com a calúnia. *RE.* Dez. de 1863. ‘Período de Luta’.

Mas, será que os príncipes da Igreja são pouco ilustrados? Observe a pastoral do bispo de Argel e de alguns outros. Não foi também um bispo quem decretou o auto de fé de Barcelona? A autoridade eclesiástica aparece como não tendo poder onímodo sobre seus subordinados, porque tolerando estes sermões indignos da cátedra evangélica, favorecendo a propagação de escritos injuriosos e difamatórios contra determinada classe de cidadãos, e não se opondo a estas perseguições em nome da religião exercida, está dando sua aprovação.

Resumindo, se a Igreja rejeita sistematicamente os espíritas que

tornam a ela, obriga-os a retroceder sobre si mesmos, e pela natureza dos ataques a discussão amplia-se, sendo levada a outros terrenos. Porque não sendo o Espiritismo mais do que uma simples doutrina filosófica, a Igreja o tem engrandecido ao proclamá-lo como uma nova religião. Não deixa de ser uma falta de habilidade deixar-se arrastar por uma paixão irreflexiva. *OQEOE* c.1 diálogo III perguntas 2 e 3.

A Sagrada Congregação do Índice de Roma, em 1º de Maio de 1864, ordena o registro das obras espíritas, ordem que, para Kardec, serve para promover o interesse pela leitura. O novo bispo de Barcelona, Pantaleón Monserra y Navarro, lamenta em uma ordenança que, apesar do zelo das autoridades, a introdução fraudulenta de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, primeiro propagador de tais mentiras, acabasse sendo traduzido ao idioma espanhol. Lembra também que a proibição de se interessar por esses temas continua vigente, e exorta a freguesia a entregar aos sacerdotes aqueles exemplares que pudessem cair em suas mãos. *RE.* jun. e set. 1864.

Ser expulso da sinagoga equivalia a ser expulso da Igreja, o qual não deixava de ser uma espécie de excomunhão. Os espíritas, cuja doutrina é a doutrina de Jesus Cristo interpretada de acordo com o progresso dos conhecimentos atuais, são tratados como aqueles judeus que reconheciam em Jesus o Messias. Excomungá-los é colocá-los fora da Igreja; e não era isto acaso, o que faziam os escribas e fariseus com os partidários de Jesus? Eis aqui um homem que foi expulso por recusar-se a acreditar que aquele que o curou era um pecador e um possesso do diabo, e nele glorificava a Deus por ter sido curado. Não é isto também o que se faz com os espíritas? Tudo aquilo que é obtido, os bons conselhos dos espíritos arrependidos, as curas, tudo é atribuído à intervenção do demônio e anatematizado. Mas, porventura não se ouviu dizer desde o púlpito que é melhor ficar na incredulidade a voltar para a fé pelo Espiritismo, e aconselhar aos doentes que evitem se fazer curar pelos espíritas que possuem esse dom satânico? Então, o que é que faziam e diziam os sacerdotes judeus e fariseus? Sabemos que tudo passará, como nos tempos de Jesus Cristo. *GEN.* c. XV – item 26.

Espíritas, não fiquem aflitos pelos ataques lançados contra vocês,

eles são a prova de que vocês estão com a verdade, porque em caso contrário esses ataques cessariam, e deixariam vocês em paz. Também é uma prova, pois graças à sua coragem, resignação e perseverança, Deus contará vocês entre os fiéis serviçais cuja lista está realizando para dar a cada um, conforme aos seus méritos, a parte que lhe corresponder.

Orgulhem-se de carregar sua cruz a exemplo dos primitivos cristãos. Creiam na sentença de Cristo: bem-aventurados aqueles que sofrerem perseguição por causa da justiça, porque dos tais é o reino dos céus; e não temais porque aqueles que matam o corpo não podem matar a alma. Ele disse também: amai os vossos inimigos, abençoai aqueles que vos maldizem, fazei o bem àqueles que vos odeiam e orai por aqueles que vos ultrajam e perseguem. Mostrai que sois verdadeiros discípulos e que a vossa doutrina é boa por fazer o que ele diz e faz. As perseguições durarão ainda algum tempo. Aguardai com paciência a chegada do novo dia, porque a estrela da manhã já vem surgindo no horizonte. *OESOE*. c. XXVIII, item 51.

Deus quis que a nova revelação chegasse aos homens por um caminho mais rápido e autêntico, por isso encomendou aos espíritos levá-la de um polo a outro. Transmitindo-a por toda a parte sem conceder a ninguém o privilégio exclusivo de ouvir sua palavra, porque um homem pode ser enganado e se enganar a si mesmo, porém quando são milhões aqueles que veem e ouvem as mesmas coisas, isso não deixa de ser uma garantia para todos e cada um. Por outro lado, um homem poderia desaparecer, mas não as massas. Os livros podem ser queimados, porém ninguém pode queimar os espíritos, de modo que se todos os livros fossem incinerados, a origem da doutrina permaneceria invulnerável, porque, não residindo na Terra, surgiria em toda a parte, e todos poderiam obtê-la. Então, se homens faltarem, sempre haverá Espíritos que, chegando ao mundo todo, não podem ser atingidos por ninguém. *OESOE*. Introd. II.



AUTO DE FÉ

São Domingos de Gusmão, diante de uma fogueira de livros albigenses, quadro do século XV, de Pedro Berruguete.

LIVROS, LIVREIROS E CENSURA

Entre aqueles que deixaram timidamente estampadas na pedra as palmas das mãos, e a invenção da escrita com sua inovação fonética lá pelo século XII a.C., com certeza transcorreram muitas fases na evolução; quanto ao livro, através das suas diversas formas, deve sua presença à necessidade de armazenar conhecimentos e de transmiti-los como legado.

Os autores mais antigos em descrever o comércio de livraria, que já era conhecido em Atenas na época de Sócrates, foram Xenofonte e Diógenes Laércio. Essa atividade não demorou em passar para Roma, que agrupa seus primeiros livreiros por trás do Fórum. Embora não fosse lucrativa para os autores, com ajuda de inúmeros copistas deixava lucros importantes. As livrarias tinham o aspecto de pombais para conter os rolos.

O ofício de bibliotecário é mais antigo ainda; Ramsés honra-os erigindo para eles um templo mortuário em Tebas, com os dizeres “Medicina da Alma”. Também em Karnak e Tell el-Amarna, fundada por Amenothep IV, a quem foi atribuída a crença em um Deus único e a simplificação dos hieróglifos em valores silábicos. Posteriormente virão as de Pérgamo e Alexandria, fundada em base a coleções reunidas por Aristóteles. Quando o modelo é transferido para a Grécia, adquire caráter particular e leigo. A primeira biblioteca de Atenas data do ano 330 A.C. e Júlio César cria uma em Roma. Existem tabuletas de origem persa com escrita cuneiforme de mais de cinco mil anos, e a Bíblia, que consideramos

como sendo um livro, é também uma biblioteca.

Com a invasão dos bárbaros, o tráfego de livros fica anulado durante a Idade Média e até o séc. X, quando os árabes iniciam o estudo do grego, desenvolvem as ciências, as letras e as artes; e a reprodução do livro manuscrito dará à Córdova maura extraordinário desenvolvimento. Os Reis Católicos, depois da reconquista diversificam o centro editor de Córdova, ampliando a participação a Sevilha, Múrcia, Málaga e Granada. Os livreiros de Barcelona (1740) no entanto, regulamentavam sua organização gremial considerada como a mais florescente da cidade, sendo os primeiros impressores oriundos da Alemanha. Para tanto regia o regulamento de Toledo, que a partir daquele mesmo ano obrigava-os a pedir permissão, sob ameaça de confiscação e fortes multas.

A censura eclesiástica, reconhecida como o maior aparelho repressivo da história, era constituída principalmente pelo Santo Ofício, os tribunais de foro privilegiado, delegados da Santa Sede que estendiam sua autoridade sobre vidas e propriedades, exercendo a maior coerção durante os séculos XV e XVI, ante o despertar da filosofia humanista, a invenção da imprensa e o estabelecimento da Reforma. O Concílio Ecumênico de Latrão (1215) considerou como primeiro dever dos bispos perseguir os hereges suspeitos de ser opositores; toma forma o Concílio de Toulouse (1229), que introduz o encarceramento e as torturas inquisitoriais, assim como a pena capital, com Inocêncio IV.

A Inquisição atinge proporções colossais na Espanha e em certos estados italianos. Foi proposta na França durante o reinado de Luiz IX, São Luiz (1255), porém não conseguiu subsistir. Francisco I, que proibia publicar sem permissão, sob pena de morte, termina por desatar o holocausto de Etienne Dolet (1546). Diante deste fato brutal, uma onda de protestos dos intelectuais obriga à sua revogação, chegando ao ponto mais álgido com a Noite de São Bartolomeu. Esta influência irá se estender até 1772, embora as livrarias francesas não ficassem livres da inspeção até 1881.

Requerida pelos Reis Católicos, a Inquisição instala-se nos seus reinos para punir a apostasia dos mouros e judeus de recente conversão. O frade dominicano Tomás de Torquemada, nomeado inquisidor geral por

Sixto VI, da a conhecer o código dos inquisidores (1484) e como confessor de Isabel de Castela inspira o real decreto de expulsão dos judeus (1492). Apesar da denodada oposição dos “concellers”, Inocêncio VIII nomeia o próprio Torquemada como inquisidor na cidade e diocese de Barcelona, e dois anos mais tarde seria produzido o primeiro auto de fé (1488).

A Inquisição espanhola, segundo Antonio Llorente, “ad majorem Dei gloriam” mandou para a fogueira 291.450 pessoas, e 17.659 outras foram em efígie. Estes autos ou sentenças, pela sua importância, eram conhecidos por autilhos de sala, de caráter particular, porém havia outros onde era guardada grande solenidade, e os relapsos ou remissos em receber o perdão oferecido pela Igreja eram queimados vivos, caso de Joana d’Arc, canonizada em 1919 e João Hus, de quem João Paulo II reconheceu as ações e virtudes, na sua visita feita a Praga em 1990.

O maior rigor foi conhecido durante o governo da Casa de Áustria na Espanha: nesse senso, Filipe II autorizou a inspeção de livrarias e bibliotecas (1558), e comumente servia-se destes tribunais para ferir seus inimigos; muitos deles foram acusados apenas para poderem ser despojados da sua fortuna em benefício de confidentes, perjuros e os próprios inquisidores.

Requerido pelo progresso da imprensa, o movimento conhecido pelo nome de Contrarreforma cria o tribunal do Santo Índice (1554) para examinar os livros considerados como perigosos, que serão assentados no *Index librorum prohibitorum* — um catálogo de caráter expurgatório.

Além de um considerável número de autores antigos, incluindo os conhecidos como Pais da Igreja, entre os interditados podem ser citados Abelardo, Dante Alighieri, Arnould, Roger Bacon, Bayle, Cyranne de Bergerac, Boccaccio, Giordano Bruno, Buffon, Calvino, Cardan, Cervantes, Condorcet, B. Canstant. D’Alémbert, Darwin, Descartes, Diderot, Dolet, Erasmo, Fenelon, Foumer, Galileu, Heine, Helvetius, Hobbes, Víctor Hugo, Hus, Jansenius, Kant, La Fontaine, Lamartine, Lamennais, Locke, frei Luiz de Leão, Lutero, Melanchton, Mercator, Milton, Montaigne, Montesquieu, Pascal, Quevedo, Rabelais, Saint-Beuve, Spinoza, Torquato Tasso, Vives, Voltaire, Wyclif, Zwingli e, a partir de 1864, Allan Kardec. Este quadro mostra bem às claras que a nossa cultura está assentada sobre obras

proibidas pela Igreja.

Em nossos dias foi-nos dado assistir uma série de fatos realmente curiosos, como o reconhecimento pela Igreja (1996) das leis da progressão biológica publicadas por Darwin em 1859, ou o perdão oficial de Galileu (1992), recluso por heresia científica. A pergunta é: culto ou ciência, perdão ou erro judicial; na verdade devemos nos sentir afortunados pelo fato de as leis eternas não levarem em consideração determinados ditames.

A Casa de Bourbon acaba por substituir a Casa de Áustria, enfrentando castelhanos e catalães, submetidos por Felipe V (1716), e ordena erigir no coração de Barcelona uma enorme fortaleza medieval em forma de estrela. Finalmente a invasão napoleônica deixa plantada a semente da Revolução Francesa. Porém com o estabelecimento de Fernando VII (1813), apoiado pelos frades e as classes menos ilustradas, reclamará a intervenção de Luiz XVIII para sufocar os liberais, tendo lugar, um pouco mais tarde, um auto de fé em Valência.

A filha de Luiz XVIII, Isabel II (1833), assina uma concordata com o Vaticano que obriga a Espanha “a demonstrar respeito pelos bispos e o clero, dando proteção e apoio efetivo aos bispos quando eles pedirem, especialmente quando estiverem combatendo a iniquidade daqueles que tentam perverter as almas dos fiéis e corromper os costumes, ou então, quando for necessário para evitar a publicação de livros maus ou perniciosos”. Investido como policial da imprensa pelo artigo sexto da normativa do convênio, o bispo confisca os livros; e, como autoridade eclesiástica, organiza o auto de fé, para que os mesmos sejam queimados em 9 de outubro de 1861. Esse auto, em meio a um povo amante da liberdade, deve ter sido recebido como algo tão irreflexivo como extravagante. O bispo estava no exercício das suas funções, e se não tivesse sido ele, um outro teria organizado esse auto, como foi observado.

Pelo tempo em que nos salões europeus subsiste a moda das mesas girantes (1852-54), embora existirem uma série de manuais de boa circulação alertando sobre a intervenção dos espíritos nesses fenômenos, o clero não se ocupa do assunto, para não contradizer aquilo que consideravam um divertimento passageiro. Porém, abrigando suspeitas de

que dali poderiam sair estudos sérios, a Congregação do Santo Rito (1856) condena o moderno espiritualismo.

Preocupada também pelo avanço do Espiritismo, a Congregação do Santo Índice, em 1º de Maio de 1864, ordena registrar as obras espíritas, transformando Allan Kardec em moderno continuador do diálogo helênico, sendo chamado de autor maldito, galardão muito apreciado entre os intelectuais. No entanto, o episódio não mereceu por parte dele nenhum comentário. A gota que fez transbordar o vaso da intolerância foi o lançamento da *Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo*, aberto com esta premissa: “A fé inalterável é aquela que pode olhar a razão de frente em todas as idades da humanidade.”

A *Revue Spirite d’Anvers*, publicação belga editada em francês e flamengo diz, a esse respeito, em sua nota editorial de Junho de 1864: “Os livros espíritas anotados no índice, contêm em toda sua pureza o desenvolvimento que exige atualmente o espírito humano sobre os ensinamentos e preceitos de Jesus, em quem os espíritos superiores reconhecem o Messias. Condenar estes livros, não equivale a condenar também as palavras de Cristo e, em certo modo, não ficariam expostos os Evangelhos com aqueles que vimos concordando? Segue outra reflexão: Será que esta medida não foi tardiamente apresentada? Por que a Igreja esperou tanto? No que diz respeito ao *Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e a *Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo*, ela vai muito além do inexplicável e não deixa de ser disparatado, porque encontrando-se eles em poder de milhares de pessoas, a condena de Roma não pode de repente transformar em nocivo e desprezível aquilo que cada um julgou nobre e grandioso”. *RE*. Jun. 1864.

A política espanhola passa, daí em diante, a receber diferentes inspirações; o casamento impopular de Isabel II e uma permanente falta de acordo alimentam uma conjura que a levaria a abdicar (1868). O regente Serrano y Domínguez em 1869 decreta a demolição da fortaleza erigida por Felipe V, na esplanada onde foram queimados os livros espíritas, transformando aquele local de opróbrio em aprazível bulevar. No interregno, o trono será oferecido a Amadeu I de Savoia (1870) precipitando a guerra dos carlistas pela sucessão. Declarada, porém, a

vacância, é proclamada a República (1873), que preside Emílio Castelar, historiador e homem de letras, que entrando para o movimento espírita, colabora ativamente em suas publicações. No ano seguinte Pavia y Rodríguez ocupa Madri e dissolve as Cortes, até que finalmente a conspiração de Martínez Campos entrega a coroa a Afonso XII (1874).

Embora em outra ordem de coisas, na América não deixavam de acontecer fatos lamentáveis; em Guayaquil, no Equador, é sancionada uma lei contra o Espiritismo, que autoriza a queima de livros em praças públicas, *RE.* Nov. 1872; o Sr. e a Sra. Rollan são expulsos de Montevideu por terem manifestado suas ideias espíritas. *RE.* maio 1879.

Em seu livro *O Espiritismo na Argentina*, Cosme Marinho narra um acontecimento protagonizado por ele em 3 de abril de 1893. Em vias de partir após assistir uma palestra na Sociedade Constância, aproxima-se dele uma dama que pergunta pelo doutor Marinho. Ao ser apresentada, tira da bolsa um revólver e sem cruzar palavras, fere-o de três tiros, conseguindo desarmá-la antes de nova tentativa. Posteriormente é possível averiguar que se tratava de uma carola parente de um bispo, que atuou ofuscada por motivo religioso.

Afonso XIII (1886), que adiciona o reino de Marrocos ao seu próprio, após a primeira conflagração europeia verá consolidar a ditadura de Primo de Rivera (1923-29), porém, diante do descontentamento das massas, afasta-se do trono. Face a uma nova vacância, será proclamada a República (1931), que preside Niceto Alcalá Zamora, porém a aristocracia e o clero, pouco habituados a perder a autoridade, instigam um pronunciamento militar em Marrocos, comandado por Francisco Franco, que, aliado com os regimes de Hitler e Mussolini, consegue a capitulação de Barcelona e Madri. Fica ele como chefe vitalício do estado (1939), após uma cruenta guerra civil, com um milhão de mortes e um número similar de imigrados, simbolizados magistralmente pelo Guernica de Picasso.

O Santo Ofício retorna pela mão de Franco, apontando esta vez contra os espíritas, que já tinham conseguido conformar um vigoroso movimento; círculos são clausurados, livros são sequestrados, pessoas são presas.

Lá pelos anos sessenta, encurralado pelo progresso, ao qual

ninguém pode se opor, João XXIII vê-se obrigado a cercear as cabeças desta velha hidra que atuou sob o pomposo título de Congregação Universal do Santo Ofício, e que deixou escrita, através de sete séculos, a mais sombria crônica em crimes, corrupção e arrasamento da nossa herança.

Um relato curioso ilustra o que foi essa época de Franco. A senhora Piedad Fernández de Lucero costumava contar a quem desejasse ouvi-la, que após muitos anos, ansiosa de abraçar sua mãe, retornou a Aguera, a aldeia natal não longe de Oviedo, que a vira partir sendo muito jovem. Em um ambiente rural, sem dúvida não passou despercebida a sua ausência da capela. Dali a poucos dias, atravessando uma das ruelas, cruza-se de repente com o padre, que asperamente a repreende: Então, “a americana” não cumprimenta o padre nem vai à missa! Com naturalidade ela responde que tais cerimônias não são habituais no lugar de onde vem. Por essa explicação aparentemente casual irá assumir inesperadas consequências: sua mãe pediu para ela encurtar a visita, porque eles estavam recebendo olhares agressivos e temia pelos outros filhos.

Filho do conde de Barcelona e neto de Afonso XIII, presta juramento como rei Juan Carlos I, após a morte de Franco (1975), comprometendo-se a devolver ao povo as liberdades suprimidas. Com o primeiro ministro Adolfo Suárez (1979), os espíritas reaparecem à luz pública, após quarenta anos de vida subterrânea, nutrindo suas famintas estantes em editoriais americanas.

Rafael González Molina, que reorganizou a Federação Espírita Espanhola em Madri, fez uma patética descrição daqueles tempos: “Durante a guerra civil espanhola o movimento espírita teve momentos de máxima grandeza, em uma época em que as pessoas tentavam se comunicar com seus parentes que se encontravam no plano dos Espíritos, ou, pelo contrário, eram estes que desejavam reconfortar os encarnados. Com a guerra terminada, e instaurado o novo regime, houve muitos que se serviram do reino das sombras para esmagar a doutrina dos Espíritos, havendo muitas vítimas entre os adeptos. As violências e perseguições sofridas por estes mártires podem ser comparadas com aquelas dos primeiros cristãos”. *Divulgação Espírita*, Madri, Outubro 1979.

Ao ser formado o novo governo, o primeiro ministro Felipe González (1985-96) impulsionado por uma coalização socialista varre os ultramontanos, os tecnocratas do Opus Dei, os denominados propagandistas católicos e fanáticos das direitas. *Enciclopédia Espasa-Calpe*, Apêndice. 1987.

Para resumir, a censura, em seus mais diversos graus, tem demonstrado estar sempre sujeita a um estado de alteração que talvez não conhece outra origem a não ser aquelas estultícias denunciadas por Erasmo e que imprevistamente assumem uma dimensão desmesurada.

Em sua mais excelsa magnitude a filosofia não é outra senão a sabedoria ensinada por Jesus, suas palavras têm vencido o tempo, apesar das resistências que a perfeição puder levantar, daí que perceber isso tome tanto tempo; porém a doutrina dos espíritos apresenta-se como uma moderna contribuição na incessante labuta contra a incredulidade. Referindo-se a ela, Kardec diz que vem a aumentar o número dos chamados e a multiplicar o número dos escolhidos. E, a respeito dos livros queimados em Barcelona, centuplicaram-se as edições deles, como se renascessem das cinzas.

ESPAÑA (1853 - 1888)

Os salões europeus ainda estavam surpreendidos de ver Napoleão III como novo imperador da França, quando caem na fascinante moda das mesas girantes, à qual nem mesmo a própria Isabel II consegue se subtrair, como registra o *La España, Aranjuez*, 1853.

Entre outros, o manual mais conhecido na época era o *Mesas Girantes e Modo de Uso*, com respostas dos Espíritos a perguntas feitas a eles através da tiptologia. Cádiz, 1854. Complementa o movimento das mesas a turnê europeia de grandes médiuns de efeitos físicos, as irmãs Fox, Home, os Davenport, causando sensação e inflamando a controvérsia.

Pio IX, desconfortável pelo que supõe ser um abuso do espiritismo, reclama severas medidas. No entanto, um novo período de investigação científica destes fenômenos irá se desenvolver, com a participação de médiuns como Miss Florence Cook e a senhora Eusápia Paladino, reunindo sábios da categoria de Sir William Crookes e César Lombroso; e na sequência, outro período de abertura maciça, animado por escritores como Léon Denis e Rochester, servindo-se da médium Mlle. Krijanowski, de S. Petersburgo, ou Amália Domingo Soler, que deixam inaugurada a grande etapa de admissão à qual Allan Kardec se referiu.

Enfrentando não poucos riscos, vão ao prelo no exterior dois pequenos volumes, de Jotino e Ademar, *Luz e Verdade do Espiritismo*, Imprensa Calpense, Gibraltar, 1857, 47 p., embora muitos desses livros são perdidos com a confiscação de um lote que aquele mesmo ano o bispo de Cádiz irá lançar ao fogo.

O outro, de autoria de Joaquim Huelbes Temprado, *Noções de Espiritismo*, Baiona, 1867, in-8, 84 p., parcialmente confiscado ao

ultrapassar a fronteira, também será condenado às chamas. Ambos os títulos foram reeditados mais tarde.

O Espiritismo entra na Espanha através das obras de Allan Kardec, que arribavam em Le Monarch, barco mercante de estaleiros catalães, e eram distribuídas em Barcelona pelo capitão Ramón Lagier Pomares. Naqueles tempos as diferentes mercadorias eram transportadas em barricas. Os catalães naturalmente eram favorecidos porque falavam a antiga língua limusine, idioma das províncias meridionais da França à qual em outros tempos eram unidos.

O bacharel Néstor A. Rodríguez Escudero, em *História do Espiritismo*, em Porto Rico, fornece detalhes muito interessantes. Como penetraram essas ideias em Porto Rico, apesar do zelo oficial? Provavelmente por meio do contrabando. O governo espanhol não podia manter uma estreita vigilância sobre as costas de Porto Rico, que possuem grande quantidade de baías, portos e enseadas com profundidade suficiente para receber todo tipo de barcos.

“Como as leis opressivas do governo da época não permitiam aos crioulos (pessoas nascidas naquele lugar) o desenvolvimento de um livre comércio, as pessoas precisavam recorrer ao contrabando através de portos de mar. Este contrabando deu ensejo ao surgimento dos piratas Cofresi, Almeyda e outros. Eles também trouxeram livros, que introduziam secretamente as novas ideias que eram discutidas em outros países livres, entre elas, as do médico francês (o autor refere-se a Allan Kardec) e a liberdade de pensamento”.

“(…) Não existem marcas que estabeleçam com certeza a data em que foi fundado o primeiro centro, porém o escritor espírita Sr. Vicente Gigel Polanco diz em um luminoso ensaio que o conhecimento desta filosofia se inicia com a introdução clandestina na ilha de alguns livros de Allan Kardec... As leis espanholas da época proibiam a importação de tais livros, porém tanto na metrópole quanto nos territórios de além-mar, eles chegavam de contrabando”.

Em *Sinopse do Desenvolvimento do Movimento Espírita Porto-riquenho*, Dra. Teresa Yáñez, Viúva De Otero, em sua obra *O Espiritismo em Porto Rico*, assinala que o movimento inicial teria surgido em 1871 em

Mayagüez, sendo seu principal intérprete o Sr. Rodolfo Spinoza. *Revista União Espírita*, Caguas, Porto Rico, junho 1897.

Em um erudito ensaio intitulado *Evolução do Espiritismo em Cuba*, apresentado pela escritora e jornalista cubana Ofélia León Bravo na VIII Conferência Regional da Confederação Espírita Pan-americana CEPA, Miami, 1980, ela manifestou a respeito:

“(…) rememorar as atividades da Cuba colonial, enquanto na península acontecia o que foi dito, em suas na época províncias de além-mar Cuba e Porto Rico, repercutia o movimento e a partir de 1857, iam sendo fundados centros em Havana, etc. A autora acrescenta que o Espiritismo penetrou por vários pontos da ilha, dividida em seis províncias e como uma confirmação disso, encontramos que, em 1888, com ocasião de acontecer em Barcelona o Primeiro Congresso Internacional Espírita, três inquietos cavalheiros foram heraldos do Espiritismo cubano, Tomás Oña, Eulogio Prieto e Juan J. Garay”.

Citando o livro de José Braga, *Cuba de la Mano*, “enumera que durante o século passado circulavam doze jornais espíritas e que a Federação Espírita Cubana, contada entre as mais antigas, ficou constituída em Junho de 1890”.

Esta exceção poderia ser encontrada nas possessões africanas de que se conseguem notícias, e talvez nas Filipinas, colônia espanhola até 1898. Em detalhado relatório, Carolina L. Afan, chefe da divisão Filipinas e Ásia da The National Library, de Manila, inclui uma lista de autores locais que nos permite deduzir que o Espiritismo teve seus inícios nos primeiros anos do nosso século (XX). Quando finalizou a Segunda Guerra Mundial, dos arrozais da ilha de Luzon, surge Eleutério Terte, membro da União Espírita Cristã, que foi o primeiro a praticar essas intervenções mediúnicas que tanto renome têm dado a aquele país, deixando formada uma escola de jovens curadores que reconhece Alex Orbito entre seus discípulos.

M. Lachâtre, estabelecido como livreiro em Barcelona, combina com José Maria Fernández-Colavida, presidente da Sociedade Espírita Barcelonesa, normalizar a entrada de livros e jornais espíritas, e para tanto é remetido um pedido de compra ao Bureau da *Revue Spirite*; no entanto, a alfândega interdita o encaminhamento e notifica custódia.

O bispo de Barcelona, impaciente para ver os espíritas expostos à pública vindita, manda comissão ao Santo Ofício. Para levar adiante uma execução onde deviam ser exumadas cerimônias de triste lembrança, era preciso realizar uma série de consultas, entre as quais, uma ao bispo de Tarragona do qual era sufragâneo, à capitania geral da província encarregada da segurança, sem esquecer tocar alguma autoridade na coroa, porque tendo satisfeito as taxas, isto poderia dar lugar a reclamações.

Conclui que é preciso queimar publicamente os livros, perdendo-se em um daqueles labirintos a que Jorge Luis Borges costumava se referir, onde termina valendo o julgamento da história. Era frequente ver queimar livros diante dos átrios, e também que as casas paroquiais alimentassem suas lareiras com eles, atos repudiáveis mas que não se afastavam daquilo que constituíam as tarefas domésticas, zelo sempre relacionado com a sacralização do poder.

Quando tudo indicava na Espanha que o Espiritismo tinha escrito a sua última página, Fernández Colavida agita em mãos o primeiro exemplar em espanhol do *Livro dos Espíritos*, Imprensa Espírita, Barcelona, s.f circa 1863-64, edição possivelmente clandestina, mas que nem por isso deixa de provocar um acaloramento no novo bispo de Barcelona, que deve dar explicações.

(...) Começa o despertar do movimento com uma missiva aberta de Alverico Perón, pseudônimo de Enrique Pastor y Bedoya, a *Carta de um Espírita ao Sr. Francisco de Paula Canalejas*, Imprensa Manuel Galeano, Madri; 1865; seguida por José Sansón, *Poemas Espíritas*, Madri, 1865. Também ao Perón coube impulsionar as publicações periódicas, editando *O Critério Espírita*, Madri 1867, órgão da Sociedade Espírita Espanhola.

Apesar das condições desfavoráveis, os anos sessenta e setenta irão dar provas de avanços notáveis. A seguir uma amostra deste fato.

Perón, Alverico - *La Fórmula del Espiritismo*, Madri, 1868, in 8-60 p.

Sansón José - *Apéndice a la Familia*, Madri, 1868.

Fernández Colavida, José Maria de - *Devocionario Espirita*, Ed. Rev. de Est. Psicológicos, Barcelona, 1870.

Suárez Artazu, Daniel - *Marieta y Estrella*, Zaragoza, 1870.

I. de la C. - *Sentencias y Máximas*, Alicante, 1870.

Círculo Magnético-Espiritista de Madrid - *Magnetismo y Espiritismo*, Librería de Antonio de San Martín, Madrid, 1870, 65 p.

Bassols y Marañoso, Joaquín - *Tratado de Educación*, obra emanada del Espíritu de William Pitt, Tipografía de Calixto Uriño, vol. in 4, Zaragoza, 1870.

García López, Antonio - *Exposición y Defensa de las Verdades Fundamentales del Espiritismo*, Salamanca, s. f., circa 1871, 98 p.

Medina - *Estudio acerca del Progreso del Espiritismo*, Carlos Bailly-Baillièrre, in 8, Madrid, s. f., circa 1871. 379 p.

JGG, CRC, HR. e IP y R. - *Verdadera Doctrina Cristiana Espirita para los Niños*, La Habana, 1872, obra mediúnica.

Navarro Murillo, Manuel - *El Espiritismo Mediúmnico*, Sociedad Barcelonesa Propagadora del Espiritismo, Barcelona, 1872.

González Soriano, Manuel - *Controversias*, Ciudad Real, 1873.

Marieta y Cervantes, Espíritus de - *Ventajas del Espiritismo*, Barcelona, 1873.

Neófito del Espiritismo, Un - *La Verdad ante Todo, Carta al presbítero Sardá y Salvany*, Imprenta D. N. S. Alcántara, Madrid, 1873, 40 p.

Amigó y Pellicer, José - *Roma y el Evangelio*, Lérida, 1874. Obra mediúnica.

Fernández Colavida, J. M. de - *Armonía de la Fe y la Razón*, Sociedad Barcelonesa Propagadora del Espiritismo, Barcelona, 1874, in-8 mayor.

Amigo de la Humanidad, *Pequeño Catecismo Moral*, San Martín de Provensals, 1874.

Círculo Cristiano Espiritista de Lérida - *Carta dirigida al canónigo M. I. Sr. Niceto Alonso Perujo*, Imprenta de José Sol, Lérida, 1876.

Círculo Espiritista de Soria - *Armonía Universal*, Sociedad Barcelonesa Propagadora del Espiritismo, Barcelona, 1874.

Roca, José Pastor - *Adoración de los Sufrimientos de la otra Vida. Memoria de un Alma, Errante*, Tip. de Morali y Oliver, Alicante, 1875, 294 p.

Oscariz y Lasaga, Víctor - *El Universo Espiritista*, Carlos Bailly-Baillièrre, Madrid, 1875, 191 p.

Alfonso Gainza, *Matilde - Leila o Pruebas de un Espíritu*. Obra psicografada em dois tomos, Imprenta Domenech, Barcelona, 1875.

Torres Solanot, Antonio de - *Controversia Espiritista*, Madri, 1875.

Dos Espíritus, Alfieri el Marino - *Imprenta Nueva*, Madri, 1877, 246 p.

Torres Solanot, Antonio de - *Defensa del Espiritismo*, Madri, 1878.

Sinués, Miguel - *El Espiritismo y sus Impugnadores*, Editorial El Hospicio, Zaragoza, 1879, 200 p.

Amigó y Pellicer José - *Nicodemo*, Barcelona, 1879.

Domingo y Soler Amalia - *El Espiritismo Refutando los Errores del Catolicismo*, Editorial de Juan Torrens, San Martín de Provensals, 1880.

Entre as maiores demonstrações de convicção na reforma moral sustentada pela filosofia espírita, é de destacar a proposta de modificação da Lei de Educação (Título II, art. 3º, parágrafo 3º) apresentada em 26 de agosto de 1873 perante as Cortes Constituintes do governo provisório espanhol. Ela favorecia a introdução do estudo da doutrina espírita no ensino médio e superior, projeto dos deputados José Navarrete, Antonio Garcia Lopez, Luis F. Benítez de Lugo, Manuel Corchado y Juarbe e Manes Redondo Franco. O deputado Navarrete, de eloquência reconhecida, esperava realizar sua defesa no período legislativo seguinte, porém essas cortes são dissolvidas e a iniciativa é arquivada. Relatório do Primeiro Congresso Internacional Espírita (1888).

Uma tênue abertura permite a circulação de jornais com mais liberdade, circunstância que serve aos espíritas para espalhar as novas ideias.

O Critério Espírita - Alverico Perón, Madri, 1867.

O Espiritismo - José Gómez, Sevilla, 1869.

Revista Espírita. Diário de Estudos Psicológicos - José Maria Fernández-Colavida, Barcelona, 1869.

Boletim do Círculo Magnetológico-Espírita, Madri, 1869.

O Progreso Espírita - Joaquín Bassols y Marañoso, Zaragoza, 1871.

Almanaque O Critério Espírita - Alverico Perón, Madri, 1873, 1874, 1875.

A Luz de Além-túmulo, Havana, 1874.

O Bom Senso - José Amigó y Pellicer, Lérida, 1875.

A Revelação - Dr. Manuel Ausó y Monsó, Alicante, 1875.

A Fraternidade - Múrcia, 1875.

A Ilustração - José A. Pérez Carrión, Havana, 1878.

A Luz do Porvir - Amália Domingo y Soler, Grácia (Barcelona), 1879.

O Farol de Sevilha - Júlio Fernández, Sevilha, 1880.

A Luz dos Espaços - N.B. y José A. Pérez Carrión, Havana, 1880.

Três jornais são punidos pelas autoridades. *O Critério Espírita*, *A Luz do Porvir* e *O Bom Senso*. Amigó y Pellicer é condenado à prisão e a pagar multa pela publicação de artigos considerados como ofensivos para a Igreja, sendo o autor de *Roma e o Evangelho* afastado da sua cátedra.

M. Pierre G. Leymarie, diretor da *Revue Spirite*, de Paris, após um julgamento muito comentado, teve de cumprir um ano de prisão, embora recebesse mais tarde uma reparação pública da justiça francesa; ele foi indiciado pela publicação de uma coletânea de fotografias mediúnicas, consideradas como fraudulentas. *Processo dos Espíritas*, por madame Marina P.G. Leymarie, Librairie Spirite, Paris, 1875.

Apesar das dificuldades, em somente três lustros, que correm entre 1865 e 1880, aparecem na Espanha quatorze jornais, quinze na América Latina, quarenta e seis na Europa continental em mais de dez línguas, dois na África, dois na Ásia e um na Oceania, que, se somarmos aqueles de origem britânica e norte-americana, mesmo admitindo certas variantes, passam de uma centena as publicações independentes que sustentam fundamentos similares.

Quando a Espanha arriba à década dos anos oitenta, já conta com uma lista de primeiríssimos nomes, aqueles mesmos que com tanto sucesso em setembro de 1888 estruturam o Primeiro Congresso Internacional dos Espíritas, pilar importante na organização do movimento onde participaram suas figuras mais proeminentes. Foi assim como a cidade de Barcelona, como testemunha muda, assiste mais uma vez ao cumprimento da lei de ação e reação, aliada natural do progresso, que a tudo harmoniza.

Os opositores

Manifesta-se como uma constante que as novas ideias precisem ser enfrentadas por aquelas já assentadas no transcorrer do tempo, e nesse senso, as religiões é que mostram uma maior acrimônia, por não estabelecer uma diáfana divisão entre aquilo que se considera convencimento, e o risco que poderiam correr as suas vantagens ou benefícios, nem sempre legítimos; assim, nem sequer se detêm em analisar o Espiritismo, que deste modo vem a ser vítima dos seus mais tenazes ataques.

Essa trama extremamente grossa não consegue recolher em toda sua magnitude as nuvens de sermões, anátemas e artigos de jornais, que se erigem sem piedade e caem como granizo sobre as costas dos espíritas das primeiras épocas; fica reconhecido tudo aquilo que de tão grosseiro não consegue passar inadvertido, incluindo aquilo que precisa de esclarecimento. De tudo isso fica muito pouco além do que no seu tempo tinha publicado a *Revue Spirite*, do que era oferecido no catálogo da *Librairie Spirite* e algumas outras publicações.

Sobre o estado de alteração com que a Igreja recebeu esta nova filosofia, registram-se as palavras dos seus próprios prelados e religiosos, seguidos por uma lista de conspícuos fregueses. Para não cairmos em excesso, nada mais autorizado do que a obra do cônego Niceto Alonso Perujo, da qual transcrevemos alguns parágrafos com que tentava refutar o livro *Roma e o Evangelho*, de José Amigó y Pellicer. Mas quem foi que mandou ele falar assim? Estas foram as palavras que o cônego nunca ouviu pronunciar, porém foram as bajulações que o induziram a lançar uma segunda edição aumentada.

Nas páginas 239-40, diz: “A melhor condenação desta seita

perversa seria poder apresentá-la à face do mundo como uma estatística fiel dos casos de suicídios, loucuras, divórcios, vinganças, mortes em experiências ou como consequência das mesmas, abusos de magnetizadores, honras perdidas, mistificações criminosas e outros crimes a que as inspirações dos espíritos arrastaram os seus cegos e temerários consulentes. Se fosse possível escrever todos os casos de infortúnios que em poucos anos tem provocado o Espiritismo, daria para encher uma biblioteca. Tudo isso consta, é conhecido, e no entanto, os espíritas, com uma ousadia surpreendente, exclamam a cada passo: ‘Olhai os nossos trabalhos’.”

Para continuar nas páginas 273-75, “Como confirmação do que foi dito, devemos acrescentar que eles são assinalados como inimigos pela Igreja Católica de maneira unânime.”

“São excomungados por bispos de todos os países, e condenadas suas práticas em repetidas pastorais. As pastorais dos bispos de toda a cristandade concordam unânimes na classificação fundamental do Espiritismo, porém observa-se que em cada nação ele irá ser marcado com um caráter especial, de acordo com a forma predominante de apresentação dessa seita em cada diocese, onde veste todos os disfarces para enganar... Por último, os bispos espanhóis condenam como heréticas e ímpias as doutrinas e práticas da nova seita, proíbem seus livros e excomungam seus autores e propagadores. Além disso, o cardeal arcebispo de Toledo, em uma circular de 1º de fevereiro de 1868, condenou o opúsculo *Noções de Espiritismo* (de Huelbes Temprado) como herético, ímpio, capcioso, blasfemo, escandaloso e ofensivo para os ouvidos piedosos, proibindo sua leitura sob as penas canônicas; e por ordem da autoridade civil o folheto foi retirado dos postos de venda e sua circulação foi proibida.

O clero de todos os países tem seguido o exemplo dos seus prelados e está combatendo, incansável, a nova superstição com um ardor e um zelo dignos de todo elogio, como quem compreende o grave perigo com que o Espiritismo ameaça as crenças dos incautos fiéis, se eles não forem avisados contra a sedução. Nas cátedras dos seminários ensina-se a combater a nova superstição, nos livros que são escritos para textos

acrescenta-se um tratado contra estes erros, nos púlpitos prega-se sobre os mesmos; em palestras públicas e particulares ele é impugnado em nome da religião e da filosofia, e por último o clero publica todos os dias notáveis e contundentes livros contra o Espiritismo. Não existe um só clérigo que permaneça indiferente nesta luta, e nenhum se deixou seduzir pelos sofismas espíritas”.

Ordenanças e pastorais

Catalá y Albosa, Jaime, bispo de Barcelona - *Pastoral contra o Espiritismo*, 1883.

Despréz, Julien F. F., arcebispo de Toulouse - *Pastoral contra o Espiritismo*, 1875. RE. março e abril. 1875.

Gousset, arzobispo de Reims - *Mandamento contra o Espiritismo*, 1864 e 1865.

C. I. c. IX y X. Monserra y Navarro, Pantaleón, bispo de Barcelona, - *Pastoral contra o Espiritismo*, 1864. RE. set. 1864.

Bispo de Langres - *Mandamento contra o Espiritismo*, 1864. RE. jun. 1864.

Bispo do Rio de Janeiro - *Pastoral contra o Espiritismo*, 15-7-1881.

Bispo de Strasbourg - *Ordenança contra o Espiritismo*, 1864. RE. mar. 1864.

Pavie, bispo de Argel - *Carta ordenança sobre a superstição chamada Espiritismo*, 1863. RE. novembro e dezembro. 1863.

Religiosos

Boyslève, Marin l' abbé - *Le miracle du diable*. RE. julho. 1864.

Bresciani, R. le R. P. - *O Judeu de Verona*, Roma, 1858. RE. feb. 1860.

Félix, l'abbé - *Les morts souffrants et delaisés*. RE. novembro. 1859.

Fresquet, l' abbé - *Le Spiritisme demasqué et joué*, 1876.

Igreja Anglicana de Madri - *O Espiritismo à Luz do Evangelho*, Madri, 1878.

Manterola de, Vicente R. P. - *O Satanismo, ou seja, a Cátedra de Satanás, combatida pela cátedra do Espírito Santo. Refutação dos erros da ciência espírita*, 1879. Responde a isto, Amália Domingo Soler.

Marouzeau l'abbé - *Refutation complète de la doctrine spirite au point de vue religieux*, Doumol, Paris, 1861. RE. junho e setembro. 1863.

Matignon le R. P. - *Les morts et les vivants, entretien sur les communications d'outre-tombe*, Adrien-Leclerc, Paris. RE. maio e junho. 1863.

Nampon, le R. P. - *Du Spiritisme*, Girard et Josserand, Lyon, 1862.

Nampon, le R. P. - *Causeries sur le Spiritisme*, Josserand, Lyon, 1863. RE. jun. 1863.

Nampon, le R. P. - *Le Spiritisme sans les Esprits*. Posiblemente editado en Lyon, s.d.

Pailloux Xavier le R. P. - *Le magnétisme, le Spiritisme et la possession*, Paris, 1863.

Perujo, Niceto Alonso, cônego - *A Fé Católica e o Espiritismo*, 1ª ed. Leoda, 1874; 2ª. ed. aumentada, Pascual Aguilar, Valencia, 1886, 317 p., refutando Amigó y Pellicer.

Perujo, Niceto Alonso, cônego - *Mundos Habitados diante da Fé Católica. Refutando Flammarion*, Gaspar, Madri, 1877.

Perujo, Niceto Alonso, cônego - *A Pluralidade de Existências da Alma diante do Bom-senso. Refutando Pezzani*, Gaspar, Madri, 1880.

Perujo, Niceto Alonso, cônego - *Narrações sobre la Eternidade. Refutando Flammarion*, J. Gaspar, Madri, 1882.

Poussin, l'abbé - *Le Spiritisme devant l'histoire et devant l'Eglise, son origine, sa nature, sa certitude, ses dangers*, Sartit, Paris, s.d. R. E. Janeiro. 1868.

Sardá y Salvany, Félix, presbítero - *Pobre Espírita!* folheto, s. f. circa 1873.

Sardá y Salvany, Félix, presbítero - *O que há sobre Espiritismo*. s.f.

Sardá y Salvany, Félix, presbítero - *O Liberalismo é Pecado*.

Thiboudet, l'abbé - *Des Esprits et ses rapports avec le monde visible d'après la tradition*, Vives, Paris, 1854.

V., le R. P. - *Les millions d'Allan Kardec. Folheto difamatório*, Lyon,

1862. *RE.* junho. 1862.

Vilá, Juan R. P. - *Hipnotismo e Espiritismo.*

Outros autores

Blanc, Henri - *Le merveilleux dans le jansenisme, le magnétisme, l'épidème de Morzine, le Spiritisme*, Plon, Paris, 1865.

Browson Dr. - *L'Esprit frappeur*, Casterman, Paris, 1862.

Cantero, Juan José B. - *A Magia Disfarçada ou seja o Espiritismo*, Madri, 1866.

Cantero, Juan José B. - *O Espiritismo*, Madri, 1866.

Chevillard, Alphonse - *Étude expérimentale sur certain phénomènes nerveux et solution rationnelle du problème spirite*, 1^a. éd. Paris, 1869; 2^e. éd. 1872; 4^e. éd. 1895. *RE.* março e abril. 1869.

Chevillard, Alphonse - *Les courants de la polarité dans l'aimant et dans le corps humain*, Paris, 1887.

Civilta Católica, La - *O Espiritismo no Mundo Moderno*. Coletânea de artigos. Valência, 1872.

Desagues - *De l'extase ou des miracles comme phénomènes naturels*, Henri, Paris, s.d.

Deschanel, Emil - *A batôn rompus. Coletânea de artigos de Journal des Debats de 1860*. Hachette, Paris, 1861. *RE.* março e abril 1861.

Figuier Louis - *Histoire du merveilleux dans les temps modernes*, 1^e. éd. Hachette, Paris, 1860, 4 vol.; 2^e. éd., Hachette, Paris, 1881, 4 vol. *RE.* setembro e dezembro 1860, abr. 1861.

Gougenot-Des Mousseaux, le chevalier - *Mœurs et pratique des démons ou Esprits visiteurs du Spiritisme ancienne et moderne*, Plon, Paris, 1854; 2^e. éd. rev. et augm., Paris, 1865.

Gougenot-Des Mousseaux, le chevalier - *La magie du siècle XIX, ses agents, ses vérités, ses messages*, Paris, 1860.

Gougenot-Des Mousseaux, le chevalier - *Les hautes phénomènes de la magie, précédés du spiritisme antique*, Paris, 1864.

Gougenot-Des Mousseaux, le chevalier - *Les médiateurs et les*

moyens de la magie, les hallucinations et les savants, le fantôme humain et le principe vital.

Guidi, Francesco prof. - *I misteri dei moderné spiritualismo e l'antidoto contro li superstizioni dello secolo XIX*, Lib. A. Bettoni, Milano, 1867. Lélut Dr. (de l'Institut) - *Le démon de Socrate*, J. B. Baillièrre, s.d.

Lombroso, Cesare prof. - *Studii sull ippnotismo*, Torino, 1882. Consultar obras posteriores desse autor.

Mirville, J. Eudes marquis de - *Questions des Esprits, ses progrès dans la science*, 1.º ed. Delarrouque, Paris, 1855, 2 vol.; 2.º ed. Wattelier, Paris, s.d.

Mirville, J. Eudes marquis de - *Pneumatologie. Des Esprits et leurs manifestations diverses*, Paris, 1851, 6 vol.; 2.º ed. Krayet de Surcy, Paris, 1854; 4.º ed. Paris, 1863-64, 5 vol.

Mirville, J. Eudes marquis de - *Des Esprits, de l'Esprit-Saint et du miracle*, F. Wattelier, Paris, 1868.

Mirville, J. Eudes marquis de - *Manifestations thaumaturgiques et des miracles*, Paris, s.d., *RE.* janeiro 1861 e janeiro 1868.

Muiño Sáenz, Conrado - *Polêmica com os Espíritas*, Valhadolid, 1866.

Pailhome - *Magnetismo, Espiritismo e a possessão diabólica*, Barcelona, 1872.

Pelin, M. G, Dr. - *Les phénomènes du Spiritisme*, E. Dentu, Paris, 1865.

Prebois Leblanc, de - *Le budge du Spiritisme*. Libelo difamatório. Constantine, Alger, 1863. *R.E.* junho e setembro. 1863.

Silva Pereira, Manoel - *Carta dedicada ao clero da Bahia*, Salvador, s.f.

Stufa, M. - *Il volto putrefatto dello spiritualismo, colla maschera dello Spiritismo*, publicado na Itália em 1876.

Tissandier, J. B. prof. - *Des sciences occultes et de Spiritisme*, Genner-Baillièrre, Paris, 1862. Trousseau, Dr. - *Conference*, Paris, 1862. *RE.* agosto. 1862.

A publicação

O Auto de fé de Barcelona pode ser descrito como uma pequena gravura que através de redução fotográfica oferece uma composição em aquarela que, de acordo com particular visão, fosse pintada por um artista anônimo no lugar onde foram queimados os livros. Apresenta-se aplicada sobre cartolina, com medidas estimadas de 9 x 13 cm, e no anverso figura uma relação de Allan Kardec, que foi conhecida na revista de novembro de 1861. 'Auto-da-Fé de Barcelone', Bureau de la *Revue Spirite*, Paris, 1864.

A impressão de ilustrações transitava na época pela gravura artística que tinha atingido notável perfeição; e por isso devia ser considerada uma inovação auspiciosa a transmissão da força expressiva plástica através de uma técnica nova. As cópias fotográficas, já bem adiantado o nosso século (XX), ainda continuavam em sépia, diante da dificuldade que representava transmitir os tons de cinza, o qual era dissimulado pelos tons de castanho.

Edição de caráter único, pertenceu ao fundo editorial da *Revue Spirite* e antecede na criação bibliográfica do autor a *O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina segundo o Espiritismo* (1865). Mais do que lembrar uma data, talvez desejava-se suscitar por meio dela um protesto em favor do direito de livre expressão, e reivindicar também os outros autores pelo inesperado vexame a que foram submetidas as suas obras. Sobre o seu lançamento, avisa uma breve informação intitulada "Notícias Bibliográficas" *RE.* dez. 1864, passando a ser anunciada nas contracapas da *Revue Spirite* a 1 franco e 25 centavos cada exemplar; e mais tarde, entre as expressões artísticas de catálogos da Librairie Spirite et Sciences Psychologiques, esgotada para 1896-7, o qual indica a grande importância que foi concedida a essa tiragem.

Com ocasião da nossa primeira edição do *Auto de Fé de Barcelona* (1980), e na esperança de encontrar alguma cópia extraída de um dos originais, entramos em contato com duas conhecidas publicações, *La Tribune Psychique* (1987), órgão da Société des Phénomènes Psychiques dirigida em Paris por M. Marcel Plat e *L'Heure d'Être* (1940) em Brion sur Ource, revista independente de M. Romolo Mantovani. Cabe lembrar que nesse ínterim 1977-88, *La Revue Spirite* tinha deixado de ser publicada para ceder esse espaço a outra, de índole heterogênea, *Renâitre 2000*. Porém, até finalizar um julgamento já iniciado, começou a se apresentar com diversos títulos, até recuperar o título histórico. Vinte anos mais tarde, *Renâitre*, em seu número de dezembro de 1996, notificava que não mais apareceria, devido a inconvenientes de ordem financeira e de saúde de André Dumas, seu diretor, que pouco tempo depois viria a falecer.

Pesquisamos também em Paris, na Librairie Leymarie, na Bibliothèque Nationale, hoje Nationale de France, e do mesmo modo nas bibliotecas de Sainte-Géneviève e d'Art et Archéologie, ambas da universidade de Paris, Bibliothèque de Théosophie e com um bibliófilo de Lyon. Como também nas principais bibliotecas de Madri, Barcelona, Roma, Turim, Milão, México, Caracas, Rio de Janeiro, São Paulo e Montevideú. Em Buenos Aires examinamos, entre outras coleções, a Biblioteca Nacional, da Universidade de La Plata, como também das associações Constancia (1877), La Fraternidad (1880), Providencia (1899), Confederação Espírita Argentina CEA (1900), Vida Infinita (1910 e 1935).

Guiados por idênticos propósitos para esta segunda edição, dirigimo-nos no Rio de Janeiro a Zêus Wantuil, em São Paulo a Washington L. Nogueira Fernandes e Paulo Toledo Machado, presidente do Instituto de Cultura Espírita e diretor do Museu do Livro Espírita, que incorpora a este vasto corpo as ricas bibliotecas e arquivos pessoais de João Teixeira de Paula, o autor do Dicionário, e de Canuto Abreu, autor de obras memoráveis. Nos Estados Unidos fomos à Biblioteca do Congresso e às Universidades de Harvard e Colúmbia; em Berna, à Biblioteca Nacional Suíça, que consulta com a rede informática; a Real de Bruxelas, que dará intervenção à Bibliothèque de la Sorbonne, e também a reconhecidas associações espíritas Amour e Charité (1890), de Liège, e a Maison des

Spirites (1910) de Bruxelas; a Biblioteca Britânica, de Londres; Biblioteca de Amsterdam; da Universidade Real de Viena; do Estado de Berlim, que participa à Universidade de Saarlandes, para encerrar a busca na nova Biblioteca do Estado da Rússia, ex Lenin de Moscou, considerada como possuidora do maior inventário.

Apesar de não ter atingido seu objetivo, a pesquisa não foi em vão, porque serviu para determinar que a peça, agora conhecida somente através daquela resenha, merece ser qualificada como raridade bibliográfica, tratando-se aliás de um patrimônio longamente reclamado e que, se desejamos preservar sua essência, será preciso reconstruir. Abordagem que de início pretende este ensaio, adquirindo outra amplidão com a publicação de uma reprografia, que pela sua limitada tiragem é destinada somente a bibliotecas, de tal modo que com esta expressão o que se pretende é disfarçar tão sentida ausência.

A reprografia, segundo o *Dicionário de Bibliologia e Ciências Afins*, de José Martínez de Souza, Madri, 1989, palavra francesa aceita em bibliotecnologia, é o conjunto de técnicas destinadas à reprodução de documentos, já seja original ou especialmente preparado. Neste caso a peça realiza-se por meio da ensablagem fotográfica do original, e ao dorso a descrição que o autor fornece. Tem certa semelhança com um cartão postal que no momento da Kardec ainda não eram conhecido.

Quanto à expressão artística foi divulgação de sua imagem na *Revista Reformador* (1883), publicação oficial da Federação Espírita Brasileira e no número de outubro de 1976. ilustrando na p. 13 "O Último Auto de Fé", um artigo de Zeus Wantuil, que mais tarde se observa a foto de Allan Kardec em sua obra *Allan Kardec: meticolosa pesquisa biobibliográfica e ensaios de interpretação*, FEB, 1979. Notável trabalho de três volumes por esse autor e por Francisco Thiesen que são inquestionáveis fontes tomadas da bibliografia espírita do sec. XIX.

As palavras que faz a referências ao título desta obra. Se refere as decisões tomadas nos tribunais eclesiásticos. Embora no francês moderno "autodefé" passou a formar uma única palavra e foi respeitado neste estudo a grafia para transmitir o autor à sua obra, portanto, "Auto-da-fé de Barcelone".

REPROGRAFIA

Auto-da-fé de Barcelone

« Ce jour, neuf octobre mil huit cent soixante-un, à dix heures et demie du matin, sur l'esplanade de la ville de Barcelone, au lieu où sont exécutés les criminels condamnés au dernier supplice, et par ordre de l'évêque de cette ville, ont été brûlés trois cents volumes et brochures sur le Spiritisme, savoir :

- *La Revue Spirite*, directeur Allan Kardec ;
 - *La Revue Spiritualiste*, directeur Piérard ;
 - *Le Livre des Esprits*, par Allan Kardec ;
 - *Le Livre des Médiuns*, par le même ;
 - *Qu'est-ce que le Spiritisme*, par le même ;
 - *Fragment de sonate dicté par l'Esprit de Mozart* ;
 - *Lettre d'un catholique sur le Spiritisme*, par le docteur Grand ;
 - *L'Histoire de Jeanne d'Arc*, dictée par elle-même à Mlle Ernance Dufau ;
 - *La réalité des Esprits démontrée par l'écriture directe*, par le baron de Guldenstubbé.
- Ont assisté à l'auto-da-fé :
- Un prêtre revêtu des habits sacerdotaux, portant la croix d'une main et une torche de l'autre main ;
 - Un notaire chargé de rédiger le procès-verbal de l'auto-da-fé ;
 - Le clerc du notaire ;
 - Un employé supérieur de l'administration des douanes ;
 - Trois mozos (garçons) de la douane, chargés d'entretenir le feu ;
 - Un agent de la douane représentant le propriétaire des ouvrages condamnés par l'évêque.
- Une foule innombrable encomrait les promenades et couvrait l'immense esplanade où se dressait le bûcher.
- Quand le feu a eu consumé les trois cents volumes ou brochures Spiritistes, le prêtre et ses aides se sont retirés couverts par les huées et les malédictions des nombreux assistants qui criaient : A bas l'inquisition !
- Plusieurs personnes se sont ensuite approchées du bûcher et en ont recueilli des cendres. • ALLAN KARDEC

1864

PARIS

bureau de la REVUE SPIRITE

59, rue et passage Sainte-Anne



GRAVURA DA ÉPOCA, MOSTRANDO A QUEIMA DE LIVROS
E PERIÓDICOS ESPÍRITAS

PROTAGONISTAS E TESTEMUNHAS



Allan Kardec

Hippolyte Léon Denizard Rivail, n. Lyon 3/10/1804, m. Paris 31/3/1869. Discípulo de Johann Heinrich Pestalozzi, na sua mocidade estabelece-se em Paris para se dedicar à educação, publicando uma série de obras pedagógicas que o tornam célebre.

Como antigo estudioso do magnetismo, os fenômenos espiritualistas concitam seu interesse, e revelam a ele um mundo novo. Para determinar uma separação da sua tarefa educativa, com o

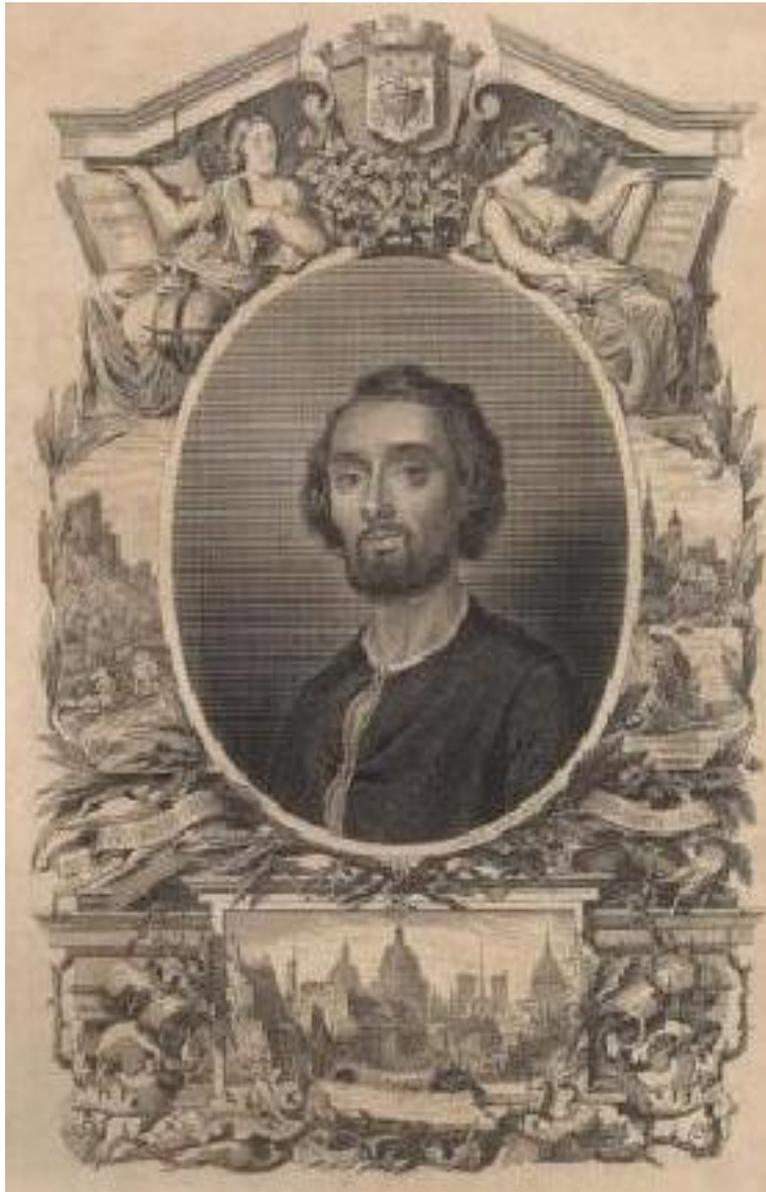
pseudônimo de Allan Kardec chega a tornar-se o maior filósofo e divulgador do Espiritismo, funda a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (1858) e a *Revista Espírita, Jornal de Estudos Psicológicos (Revue Spirite. Journal d'Études Psychologiques)* - 1858. Entre as suas obras principais podem ser citadas *O Livro dos Espíritos* (1857), onde cada uma das partes encontra correspondência com os livros seguintes, *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), contendo comentários magistrais e grande amplitude de consciência. *O Céu e o Inferno*, *A Justiça Divina segundo o Espiritismo* (1865), *A Gênese, Os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo* (1868) e *Obras Póstumas de Allan Kardec*, monografias, ensaios, escritos inéditos compilados em 1890 pelo discípulo Pierre-Gaëtan Leymarie. Seus livros e manuais são traduzidos nas línguas principais. A doutrina dos espíritos, manifestando tudo aquilo que se conservava incompreensível para a razão, conclui lançando um fecho de luz sobre o esoterismo.

A filosofia espírita recebeu o reconhecimento do Instituto da França e é registrada pelo *Dicionário Técnico de Filosofia de Lalande*. Dentre as inúmeras opiniões sobre o autor e a obra, transcrevemos as seguintes: “*O Livro dos Espíritos* oferece um corpo de doutrina com tal nitidez que realmente é possível reconhecer o antigo professor de ciências exatas, que faz de Allan Kardec o primeiro no Espiritismo”. Artigo de Balteau, J. Barroux et Presvot, *Dictionnaire de Biographie*, v. II, Librairie Letouzey et Ané, Paris, 1936.

“O Espiritismo foi a obra de Kardec, a obra da sua vida inteira, embora tenha consagrado a ela apenas quatorze anos da sua existência vital. Porém o Espiritismo teve de lutar desde o princípio contra o pensamento materialista e interessado dos homens, concretizado naquilo que poderia ser chamado de prejuízo espírita. A ele justamente foi que recorreram os intelectuais cientistas ou religiosos para desqualificar depreciativamente a doutrina espírita”. Daniel Guerra Iñiguez, *Allan Kardec o la Dimensión Moral de un Hombre y su Doctrina*, o autor, 2ª, edição, Caracas, 1993, 460 p.

Henri Sausse, *Biografía de Allan Kardec*; André Moreil, *Vida e Obra de Allan Kardec*; Carlos Imbasshay, *A Missão de Allan Kardec*; Zêus Wantuil

e Francisco Thiesen, *Allan Kardec. Pesquisa Biobibliográfica e Ensaio de Interpretação*; Genaro Pucci, *Apontamentos de Espiritismo*; Silvio Bogelde (s. de Luis Di Cristóforo Postiglioni), *Prefácio para esta Edição do Centenário, O Livro dos Espíritos*, Edições Constanca, Buenos Aires, 1957; Canuto Abreu, *O Livro dos Espíritos e sua tradição Histórica e Lendária*; Florentino Barrera, *La Sociedad de París*.



Maurice Lachâtre

Escritor, preclaro humanista, filólogo, livreiro e editor, n. Issondum 1814, m. Paris 1900, embora em alguns escritos aparece também La Châtre. Estabelecido em Paris como editor, é condenado a um ano de prisão e pagamento de multa pela publicação de *Os Mistérios do Povo*, de Eugène Nus; no ano seguinte é condenado a cinco anos de prisão pelo *Dicionário Francês Ilustrado* (1856), refugiando-se então em Barcelona, onde se instala como livreiro. Retorna brevemente à França com ocasião do levantamento da “Comuna” (1871), colabora com o *Vengueur* de Pyat, retornando ao seu país ao ser concedida uma anistia.

Suas obras principais são: *História dos Papas* (1843), obra em dez volumes destruída por ordem judicial em 1869; *A República Democrática e Socialista* (1849); *Novo Dicionário Universal Ilustrado* (1856/70) enciclopédia considerada como a mais extensa da época, da qual participam personalidades da maior importância. Allan Kardec está entre seus articulistas, sobre quem ele escrevera: “A doutrina espírita reafirma os elementos de uma transformação das ideias, merecendo a atenção de todos os homens de progresso. Sua influência estende-se por todos os países civilizados, o qual dá ao seu fundador uma considerável importância, fazendo prever para um futuro não longínquo encontrar-se Allan Kardec entre os reformadores do século XIX”. Além disso publica também *A História da Inquisição* (1880) e outras de menor repercussão.

Enciclopédia Universal Espasa-Calpe, T. 21; *La Grande Encyclopédie*, vol. XX; J. Malgras, *Os Pioneiros do Espiritismo na França*.



José María Fernández Colavida

Divulgador do Espiritismo na Espanha, n. Tortosa 13-9-1819, m. Barcelona 1-12-1888. Aos dezesseis anos alista-se para combater junto ao partido do seu pai, realiza a campanha conhecida como dos sete anos, onde cai prisioneiro com o grau de tenente-coronel, após defender a cidadela e o castelo; quando estava sendo transferido à prisão militar de Cádiz, recebe a notícia do fuzilamento do pai. Após ser anistiado, termina a carreira notarial, que não chega a exercer.

Segundo certos biógrafos, morou um tempo na França, foi membro honorário de academias científicas espanholas e estrangeiras. Funda a Sociedade de Amigos dos Pobres e a Sociedade de Socorros Mútuos. Estudioso do magnetismo, serve-se das faculdades de sua esposa, dona Ana Campos, dotada de admiráveis condições, sendo considerado como um dos primeiros a experimentar sobre a regressão de memória.

Conhece o Espiritismo por volta de 1857, tornando-se ativo propagandista e mantendo nutrida correspondência com Kardec, que o

protege com o silêncio, de quem traduz ao espanhol e edita as obras principais. É fundador da Sociedade Barcelonesa Propagadora do Espiritismo (1860) e da *Revista Espírita, Diário de Estudos Psicológicos*, Barcelona 1869, considerada como uma das mais importantes da época, que ele dirige por espaço de vinte anos.

Como editor, dá a conhecer um amplo catálogo de títulos, dentre os quais, *Leila*, obra mediúnica de Matilde A. Gainza; *Catecismo Espírita*, do belga H. J. de Turk; *Trevas e Luz e As Corridas de Touros*, de Navarro Murillo; *O Inferno ou A Barqueira do Júcar*, recebida pelo médium Sr. Aquino; *O Espiritismo perante a Ciência*, de Gabriel Delanne; *Romança para Piano* de Avelina Colom e Pilar Rafecas, etc. Foi também autor de livros e folhetos, *O Espiritismo é a Moral*, *Devocionário Espírita*, *Lições de Espiritismo para Crianças*, *Um Auto de Fé* e *A Exposição Universal de Barcelona*. Organizou o Primeiro Congresso Internacional Espírita; embora seu estado de saúde não permitisse assistir ao mesmo, foi nomeado presidente honorário, vindo a falecer em poucos meses.

Nota biográfica do visconde Antonio de Torres Solanot, *Revista de Estudos Psicológicos*, Barcelona, dezembro 1888, outras fontes.



Bispo Antonio Palau y Termens

Bispo de Barcelona, n. Valls 1806, m. Barcelona 9-7-1862. Prelado descendente de uma aristocrática família catalã que entregou muitos dos seus filhos ao ministério da Igreja. Estudou no Seminário Consular de Barcelona, cursa matemática em Cervera, filosofia e teologia em Tarragona. Estudos médios e bacharelato em teologia, como presbítero em 1831 toma parte ativamente nos trabalhos da Obra da Propagação da Fé, funda a *Revista Católica*, que dirige por espaço de onze anos. Catedrático do Seminário de Barcelona, cónego magistral de Tarragona, bispo de Vich e finalmente bispo de Barcelona (1857).

Contribui ao estabelecimento da Livraria Religiosa, e como autor publica entre outros títulos, *Novena en Obsequio y Adoración de Jesús*

Sacramentado (1830), *Memoria sobre la Propagación de la Fe a favor de las Misiones católicas en Ambos Mundos* (1840), *Observaciones sobre la Importancia del Bello Sexo por las Religiosas* (1840), *La Revolución, el Gobierno y las Monjas* (1850), *Historia Contemporánea de los Padecimientos y Triunfos de la Iglesia de Jesucristo*; edita además *El Boletín Eclesiástico*, Barcelona 1858.

Pedimos a Washington Fernandes que de sua parte colaborasse com algumas palavras:

“O advento da Web permite conectarmos com todos, essa é a explicação para conseguir a biografia e ilustrações de pessoas que tomaram parte na história do Espiritismo; outra motivação para realizar uma *Enciclopédia Internacional de Espiritismo* (15 vol., 23 por 27 cm, com fotos grandes em toda a sua magnitude. Conseguir a fotografia de Dom Palau demorou mais de dez anos (a busca começou antes da Internet). Várias foram as correspondências mantidas com instituições espíritas e culturais internacionais, até culminar na Biblioteca Episcopal do Arcebispado de Barcelona; e realizado o pagamento da reprodução da fotografia de Dom Palau em euros (no ano 2007 pelo equivalente de cerca de R\$ 60.000), felizmente foi conseguida a reprodução da fotografia e Dom Palau ficou sendo um homem de grande importância para a difusão do Espiritismo, fazendo parte de um registro histórico valioso sobre o Auto de Fé do Espiritismo”. Washington Fernandes.

Devemos agradecer a gentileza de nos cederem tão valiosa gravura, e podemos calcular essa quantia em cinco mil volumes de *O Livro dos Espíritos*, formato 12,5 x 17 cm a preço de varejo, sendo o preço atual de R\$ 12 cada exemplar. O fenômeno da inflação tem incidência sobre a moeda, não assim o valor das mercadorias, entre elas o livro, que não deixa de ser mercadoria também.

Enciclopédia Universal Espasa-Calpe, t.41 p. 135; García Carrafa, Alberto e Arturo, *Heráldica e Genealogia da Família Espanhola*; Biblioteca Episcopal do Arcebispado de Barcelona.



Capitão Ramón Lagier y Pomares

Ativo divulgador, n. Alicante e m. em Elche, capitão de ultramar, presencia o auto de fé dos livros espíritas, com ocasião de estar o navio *Le Monarch* atracado no porto de Barcelona. Espírita de primeira hora, facilita a chegada à Espanha das obras de Allan Kardec, operação que realiza por alguns anos. Declarou várias vezes que “Na Espanha o Espiritismo foi batizado pelo bispo de Barcelona, o padrinho foi Fernández-Colavida, e eu também desempenhei certo papel em tudo isso.”

Certa vez, em Marselha, passando pela frente de uma livraria, viu um livro que estava exposto com um aviso de recém-aparecido, e foi então que ele comprou a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*; gostou tanto da leitura que chegou a visitar o autor em várias oportunidades. Seu biógrafo principal foi Pedro Ibarra y Ruiz, que escreve *Anotações para Ilustrar a biografia do bravo Capitão do Buenaventura*, Barcelona, 1901. Pedimos a opinião de quem nos presenteou com essa ilustração:

“O valoroso capitão Lagier, comandante do navio a vapor *El Monarca* e também do *Buenaventura*, teve ocasião de presenciar o tristemente famoso Auto de Fé de Barcelona, e conta ele que, vendo muitas

peças se aproximarem da extinta fogueira e pegarem cinzas e algumas páginas que não estavam totalmente destruídas (com a finalidade de conservá-las como testemunha da violência clerical), não pode se conter, e exclamou bem alto: ‘Na minha próxima viagem a Marselha eu vou trazer para vocês todos os livros que vocês quiserem’. E desse modo, através dos navios que arribavam ao porto de Marselha (França), muitos exemplares das obras de Allan Kardec entraram na Espanha, vendidos ou distribuídos gratuitamente pelos comandantes ou subordinados, e principalmente pelo bravo e inesquecível capitão Lagier. O crédito da foto é mérito da Federação Espírita Espanhola.” – Enrique Eliseu Baldovino.

Homem muito piedoso, apesar de ter recebido sérios reveses afetivos e financeiros, com seus navios costumava se arriscar ocultando fugitivos do regime. Para seu conterrâneo Bernabé Morera, ele possuía méritos excepcionais mesmo para ter desempenhado funções no governo liberal. Correndo graves riscos, introduziu no navio Buenaventura os generais duque de la Torre, Caballero de Rodas, Bedoya, López Domínguez e Nouvilas. Manteve uma boa amizade com o general Prim y Prats, ministro da guerra no Governo Provisório (1868), e também com Emílio Castelar, presidente da Primeira República. Foi proposto como prefeito de Alicante e deputado eleito, mas renuncia a esses cargos. Pedro Ibarra y Ruiz descreve-o como sendo de nobre figura e firme continente, seu aspecto revelava sua profissão à primeira vista, fronte ampla, longas barbas e costeletas, era o que os pintores costumam chamar um ótimo tipo.

Afastado da navegação, compra uma fazenda e torna a contrair matrimônio com uma camponesa; um novo filho chegará, para sua grande felicidade. Funda o Centro de Estudos Psicológicos de Elche, contado entre os mais antigos, e costuma colaborar nas publicações da época.

Nas suas frequentes viagens à França costumava frequentar a casa de Kardec, e talvez a exemplo dele, transformou sua casa em escola popular, onde além das primeiras letras e do Espiritismo, ensinava noções de aritmética, geografia, astronomia e de outras matérias que sua vasta ilustração permitia.

Somos gratos a Enrique Eliseu Baldovino pelas suas palavras e a gentileza de nos favorecer com esta gravura do capitão.

Pedro Ibarra y Ruiz, livro, *Apontamentos para ilustrar a biografia do bravo Capitão do Buenaventura*, Barcelona, 1901. Bogo, César, livro, *Amália, a Cronista dos Pobres*, Buenos Aires, circa 1980. *Revista La Idea*, Buenos Aires, abril 1937; *Divulgação Espírita*, Madri, janeiro 1980; outras fontes.



Ramón Bernardo Ferrer

Testemunha, n. Barcelona 1846, m. Brasil 1942. Com quinze anos presencia o auto de fé dos livros espíritas; costumava relatar a formação de uma pirâmide com livros novos, recém retirados da embalagem. Em torno a eles permanecia um sacerdote, que portava uma cruz e na outra mão uma tocha acesa, presidindo um pequeno grupo de pessoas formado por um escrevente, funcionários e colaboradores, que abandonam o local quando o fogo acaba de consumir os livros e folhetos. Finalizada a cerimônia, uma multidão prorrompe em protestos e demonstrações de reprovação, enquanto alguns mais exaltados gritavam “Abaixo a Inquisição!”

Esse julgamento popular, formado em parte por núcleos organizados de anarquistas, operários e pessoas de pensamento liberal,

constituía o quadro da efervescência que antecede as revoluções sociais em um mundo com oitenta por cento de analfabetos. No entanto, naquele tempo, embora os espíritas fossem poucos, estavam convencidos de que para colaborar na condução pacífica da humanidade era necessário tempo, sacrifício e exemplo.

Ferrer, que tinha pesquisado a doutrina dos Espíritos, chegou em sua longa vida a conhecer Fernández-Colavida, Amália Domingo Soler, o Visconde de Torres-Solanot, entre outras muitas personalidades espanholas. O livro do Primeiro Congresso Internacional Espírita, em sua pág. 89 repara em sua presença entre os delegados do Centro de S. Quintin. Posteriormente emigra para o Brasil, estabelecendo-se no Piauí, a nordeste de São Paulo, onde intervém como médium passista no Centro Amor e Caridade.

Para Ferrer, Lachâtre teria pedido as obras atendendo uma sugestão de Fernández-Colavida, fato que, com pequenas diferenças, também contam certas publicações espanholas.

Anuário Espírita 1971, Instituto de Difusão Espírita Brasileira IDE, Araras, ver pág. 174 e outras fontes.

AS OBRAS QUEIMADAS

Dentre as publicações incineradas no auto de fé foi procurado documentar da maneira mais circunstanciada possível, as peças condenadas pelo bispo, para que elas possam ser determinadas.

Livros e folhetos

- *Le Livre des Esprits (O Livro dos Espíritos)*, de Allan Kardec, 3ª edição, Didier et Cie., Ledoyen Libraire, Paris, 1860, vol. in 18-500 p.
- *Le Livre des Médiuns (O Livro dos Médiuns)*, de Allan Kardec, 1ª edição, Didier et Cie, Librairie-Éditeurs Ledoyen, Paris, 1861, vol. in 18 angl., 498 p.
- *Qu'est-ce le Spiritisme? (O que é Espiritismo?)*, de Allan Kardec, 2ª edição, Fréd. Henri Dentu, Ledoyen et Bureau da *Revista Espírita*, Paris, 1860, in 18.
- *Lettre d'un catholique sur le Spiritisme (Carta de um católico sobre o Espiritismo)*, do Dr. Grand-Boulogne ex cônsul da França, Librairie Ledoyen, Paris, 1860, in 18.
- *Jeanne d'Arc par elle-même. Vie dictée d'Outretombe (Joana d'Arc por Ela Mesma. Vida ditada de Além-túmulo)*, livro mediúnico recebido pela senhorita Ermance Dufaux de la Jonchère, 2ª edição, Librairie Ledoyen, Paris, 1860, vol. in 18.
- *Pneumatologie positive et expérimentale. La realités des Esprits et le phénomènes merveilleux et leur écriture directe démontrée (Pneumatologia positiva e experimental. A realidade dos Espíritos e o fenômeno maravilhoso e a escrita direta demonstrada)* do sueco,

barão Luiz de Guldenstubbé, a obra relata cerca de quinhentas experiências, contém pranchas e numerosos fac-símile, 1ª edição, Chez Frank, Paris, 1857, relié in 8.

Artes

- *Sonate. Fragment dictée pour l'Esprit de Mozart (Sonata. Fragmento ditado pelo Espírito de Mozart)*, recebida pelo médium professor Brion D'Orgeval, 1ª edição, Librairie Ledoyen, Paris, 1857.

Jornais

- *Revue Spirite, Journal d'Études Psychologiques (Revista Espírita, Diário de Estudos Psicológicos)*, revista mensal de 32 páginas que apareceu em 1ª de janeiro de 1858 fundada e dirigida por Allan Kardec. Redação, rua e passagem Sainte-Anne n° 59, Paris.
- *La Revue Spiritualiste (A Revista Espiritualista)*, fundada e dirigida por Z. P. Piérard antigo secretário do barão du Potet. Paris, 1858.

Um documento

Talvez sem se propor a isso, Fernández-Colavida manteve sempre certa reserva a respeito do auto de fé de Barcelona, e somente poucos meses antes do seu desaparecimento físico referiu-se a este fato em um suplemento de quatorze páginas publicado pela *Revista de Estudos Psicológicos*, Barcelona, maio 1888, intitulado “Um Auto de Fé e a Exposição Universal de Barcelona”, que também divulga como folheto independente.

O texto confirma a tradução de artigos extraídos da *Revista Espírita* publicados em Novembro e Dezembro de 1861 e Agosto de 1862, junto com três notas originais: *A Cidade de Barcelona, Uma Dívida Contraída com os nossos Assinantes e Conclusão*, que passamos a transcrever.

Numerosas assembleias e reuniões do mais diverso caráter acontecem no transcurso da Exposição Universal de Barcelona, Setembro de 1888; e dentre elas, o primeiro Congresso Internacional dos Espíritas. Fato que no ano seguinte será repetido com motivo da Exposição Universal de Paris, Setembro de 1889, entre cujos festejos é inaugurada a Torre Eiffel, auspício sob o qual desenvolve-se o nosso segundo congresso internacional.

Conclusão.

Após dois dias do comparecimento do bispo, que foi de Barcelona, na Sociedade Espírita de Paris, Kardec remete-nos uma carta que incluía integralmente para nós a comunicação de Palau, avisando os espíritas de Barcelona que seu Espírito iria estar presente quando sua comunicação fosse lida no centro — como de fato aconteceu, segundo depoimento dos médiuns videntes, e em particular de um jovem, quase menino, que possuía uma excelente clarividência; o mesmo Palau repetia, após a leitura da sua

comunicação, que tivéssemos muita confiança na nossa propaganda; que os pontos onde se realizou o auto de fé iriam logo desaparecer, e no local seriam cultivados jardins para o lazer de todos e para apagar, em certa maneira, as tristes lembranças que permaneciam do local onde se erguera uma fortaleza erichada de canhões. Os assistentes àquela reunião, homens que naquela época estudavam, mais do que acreditavam, nos fenômenos espíritas, ficaram admirados com aquele prognóstico; e como naquela reunião havia chefes e oficiais do exército, tratou-se do assunto com muito respeito, deixando tudo para ser confirmado pela passagem do tempo.

Pois bem, o tempo confirmou amplamente o cumprimento daquela promessa. Para nós, é mais uma dentre tantas e tantas provas que possuímos da verdade da comunicação entre nós o mundo dos espíritos.

Um auto de fé nos glacis de uma cidadela em 1861, e uma Exposição Universal no mesmo local em 1888!

Este fato histórico é talvez a joia de maior valor apresentada na Exposição.

Cabe lembrar que a fortaleza foi demolida em 1869, sete anos depois, sendo aquele prédio transformado em um encantador bulevar. O documento reproduzido apresenta imperfeições de origem na impressão.

CONCLUSIÓN

Á los dos días de comparecer el obispo, que fué de Barcelona, á la *Sociedad Espírita de París*, nos remitió Kardec una carta, en la que nos incluíla íntegra la comunicación de Palau, advirtiéndolo á los espiritistas de Barcelona que su espíritu estaría presente cuando su comunicación se leyera en el centro, como así fué efectivamente, por declaración de los médiums videntes y particularmente por un joven, casi niño, que tenía una excelente clarividencia; repitiendo el mismo Palau, después de leída su comunicación, que tuviéramos gran confianza en nuestra propaganda; que los puntos en donde tuvo lugar el auto de fe, desaparecerían pronto, y en su puesto se cultivarían jardines para recreo de todos y para borrar, en cierto modo, los tristes recuerdos que se tenían del lugar en donde se levantaba una fortaleza erizada de cañones. Los asistentes á aquella reunión, hombres que más bien estudiaban entonces que creían en los fenómenos espiritistas, se admiraron de aquel pronóstico; y como habla en la reunión de oficiales del ejército, se trató el asunto con mucho respeto, de modo que el tiempo lo confirmara. Pues bien, con el tiempo se ha cumplido aquella promesa con creces. Para nosotros es otra de tantas y tantas pruebas como tenemos de la verdad de la comunicación entre el mundo de los espíritus y nosotros.

¡Un auto de fe en los glacis de una ciudadela en 1861, y una Exposición Universal en el mismo sitio en 1888!

Este hecho histórico, es quizás la joya de más valor que se presente en la Exposición.

CENTENÁRIO

Anteriormente à lembrança do primeiro auto de fé de Barcelona, uma série de demonstrações que pelo seu temperamento em diferentes momentos possuem singular importância, a revista barcelonesa *La Unión Espiritista* (1896), órgão da União Espírita Kardeciana da Catalunha, com esse motivo lança um suplemento de seis mil exemplares; transcende também o 38º aniversário do acontecimento que em 1899 congregara sete mil pessoas. Para o cinquentenário, em 1911, é programada uma série de eventos, com grande repercussão e de que as publicações espíritas deram ampla informação. Além disso merece lembrança a expressiva mensagem que a Federação Espírita Espanhola dirigiu ao povo de Barcelona para evocar em 1932 aquele acontecimento histórico.

Finalmente é chegado o dia 9 de outubro de 1961, onde os depoimentos atingem no mundo todo o maior esplendor; impedidos de realizar uma crônica circunstanciada, limitamo-nos aos fatos de maior relevo no evento programado em Buenos Aires, e vem à memória a estreia de Amanhecer sobre a Fogueira, peça dramática do poeta Humberto Mariotti, apresentada na Sala Urania da Confederação Espírita Argentina CEA, encenada por Santiago Luiz Bossero e interpretada por integrantes da Federação Espírita Juvenil Argentina FEJA.

Cabe também resgatar o número extra da revista *Constancia*, publicado em outubro, sob a direção de Carlos S. Chiessa, capa artística feita por S. C. que reproduzimos, conseguindo reunir em suas 76 páginas uma abalizada lista de colaboradores.

Assinando os artigos, o Dr. Karl E. Muller, presidente da Federação Internacional Espírita, Londres, Grã Bretanha.

Santiago Bossero, editor e diretor da revista *La Idea*, órgão da Confederação Espírita Argentina, CEA; César Bogo, escritor, Buenos Aires, Argentina.

Charles R. Probert, diretor do jornal *Yours Fraternally*, Estados Unidos.

Professora Elodia Castol, diretora de *La Voz Informativa*, México.

Hubert Forestier, diretor de *La Revue Spirite*, de La Maison des Spirites e Secretário da União Espírita Francesa, Paris, França.

Tito L. Bancescu diretor do jornal *La Voz Espiritista*, Rosário, Argentina.

Ismael Gomes Braga, da Federação Espírita Brasileira FEB, Rio de Janeiro, Brasil.

Professor Humberto Mariotti, escritor; Rita García de Espiñeira, poetisa; Salvador Gatto, jornalista; Pablo Reyes, jornalista; M. García Consuegra, diretor da revista *Vida*, Cuba.

Rosa H. de García Romanó, da Federação Argentina de Mulheres Espíritas FADEME.

Tilde Pérez Pieroni, poetisa; lady Downing, fundadora de Beauty Without Cruelty, Londres, Grã Bretanha.

Dr. Aldo Rady, presidente de Pyramid Spiritual, Cairo; Carlos M. G. Capalbo, jornalista; Harry Edwards, presidente da National Federation of Spiritual Healers, Londres, Grã Bretanha.

Professor Joaquim Rodas, presidente de Cadena Heliosófica Centroamericana, Guatemala.

Professor Pedro Álvarez y Gasca, presidente da Central Espírita Mexicana e vice presidente da Confederação Espírita Pan-americana CEPA.

Dante Culzoni Soriano, jornalista; David Grossvater, presidente de CIMA, Caracas, Venezuela.

Rafael El Busto, secretário de redação da revista *Constancia* e Maurício Barbanell, diretor do jornal *Two Worlds*, Londres, Grã Bretanha.

Constancia

ESPIRITISMO - SOCIOLOGIA - PSICOLOGIA



**NUMERO ESPECIAL
DEDICADO AL CENTENARIO
DEL
AUTO DE FE BARCELONA**

1861

OCTUBRE

1961

BIBLIOGRAFIA

Livros

Abreu, Canuto S. - *O Livro dos Espíritos e sua Tradição Histórica e Lendária*, compilação de Paulo Toledo Machado, 1ª Ed., Lar Família Universal, São Paulo, 1992.

Aizpúrua, Jon - *Fundamentos del Espiritismo*, Editora Cultural León Denis, CIMA, Caracas, 1991.

Barrera, Florentino - *Bibliografía Espiritista del s. XIX. Inventario de Librería y Publicaciones Periódicas*, Ediciones Vida Infinita, Buenos Aires, 1983.

Barrera, Florentino - *La Sociedad de Paris*, Ediciones Vida Infinita, Buenos Aires, 1995.

Bogo, César - *La Cronista de los Pobres*, Ediciones Confederación Espiritista Argentina CEA, Buenos Aires, 1971.

Centrón, Héctor - *El Problema Religioso y el Espiritismo*, Editora Argentina 18 de Abril, Buenos Aires, 1992.

Crouzet, J. P. A. - *Répertoire du Spiritisme*, Librairie de la Revue Spirite, Paris, 1874.

Domínguez, Claudio María - *El Milagro de los Sanadores Filipinos*, Sudamericana, Buenos Aires, 1995.

EI-Abadi, Mostafá - *Vie et destin de l'ancienne Bibliothèque d'Alexandrie* - UNESCO, Paris, 1992.

Guerra Iñiguez, Daniel - *Allan Kardec o la Dimensión Moral de un Hombre y su Destino*, o autor, Caracas, 1993.

Imbassahy, Carlos - *A Missão de Allan Kardec*, Ed. Federação Espírita do Paraná, Curitiba, 1957.

Kardec, Allan - *¿Qué es el Espiritismo?*, Ediciones Mercurio, Buenos Aires, 1950.

Kardec, Allan - *El Evangelio según el Espiritismo*, comentado pelo Prof. J. Herculano Pires, Editora Argentina 18 de Abril, Buenos Aires, 1971.

Kardec, Allan - *Œuvres Posthumes*, compilação de Pierre-Gaëtan Leymarie, 1e. éd., Librairie des Sciences Psychologiques, Paris, 1890.

León Bravo, Ofelia - *Evocación del Espiritismo en Cuba*, o autor, New Jersey, 1980.

Leymarie, Madame Marina P.-G. - *Procés des Spirites*, Librairie Spirite, Paris, 1875.

Malgras, J. - *Les Pionniers du Spiritisme en France*, Librairie des Sciences Psychologiques, Paris, 1906.

Mariño, Cosme - *El Espiritismo en la Argentina*, Ed. Constancia, Buenos Aires, 1963.

Moreil, André - *Vida y Obra de Allan Kardec*, tradução de L. C. E. (Ethi Gilbert e Genaro Pucci), La Conciencia Editora, Buenos Aires, 1963.

Rodríguez Escudero, Néstor A. - *Historia del Espiritismo en Puerto Rico*, o autor, Aguadilla, 1978.

Sausse, Henri - *Biografía de Allan Kardec*, Ed. Víctor Hugo, Buenos Aires, 1952.

Primer Congreso Internacional Espiritista, relatório do visconde Antonio Torres Solanot, Editorial Cortezo, Barcelona, 1888. Existe edição francesa reduzida, Paris, 1889.

Wantuil, Zêus - *Mesas Girantes e o Espiritismo*, Editorial da Federação Espírita Brasileira FEB. Rio de Janeiro, 1958.

Wantuil, Zêus y Thiesen, Francisco - *Allan Kardec. Meticulosa Pesquisa Biobibliográfica e Ensaios de Interpretação*, três volumes, Ed. da Federação Espírita Brasileira FEB, Rio de Janeiro, 1980.

Publicações

Anuário Espírita 1971, Ed. IDE, Araras.

Constancia, Buenos Aires, outubro, 1961.

Divulgação Espírita, Madri, 1890.

El Correo da UNESCO – Orígenes de la Escritura, Paris, abril, 1995.

Karma 7, Barcelona, 1978.

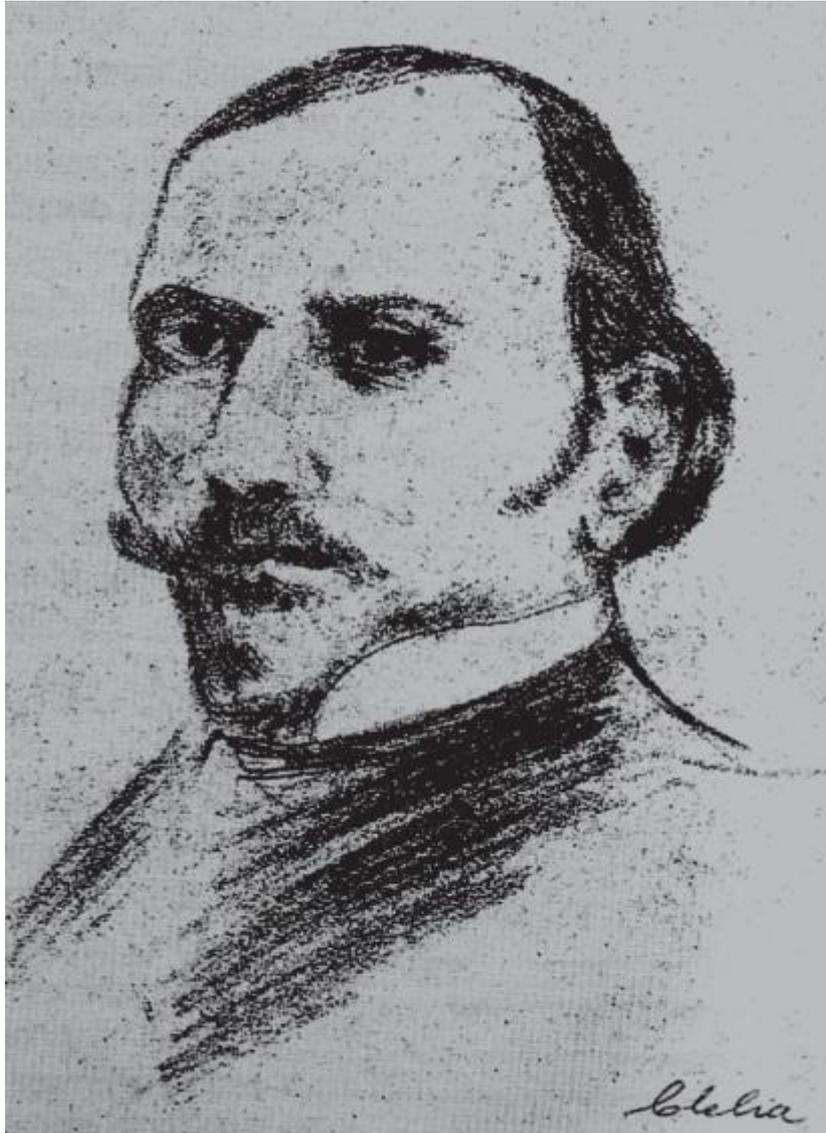
La Conciencia, Buenos Aires, outubro, 1961. *La Idea*, Buenos Aires, abril, 1937.

Luz y Unión, Barcelona, 1900. *Reformador*, Rio de Janeiro, outubro 1976.

Revista de Estudios Psicológicos, Barcelona, maio e dez., 1888.

Revue Spirite, Journal d'Études Psychologiques, Paris, nov. e dez., 1864.

ANEXO



Allan Kardec

Retrato a lápis de Clélia Nuñez de Pucci, Buenos Aires 1944,
publicado pela revista *La Conciencia*, abril 1957.

EDIÇÕES VIDA INFINITA
BUENOS AIRES

Allan Kardec. *Résumé de la loi des phénomènes spirites ou Premier initiation à l'usage des personnes étrangères a la connaissance du Spiritisme*. Fac-símile de um exemplar de Chez Didier, Paris, 1869, prefácio F.B., 1979.

Allan Kardec. *Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritas*, 1ª ed. em espanhol traduzido por Genaro Pucci, introdução F.B, 1979.

Florentino Barrera. *El Auto de Fe de Barcelona*, 1ª. ed. 1980; 2ª. ed. revisada, 1998; 3ª ed. Revisada e aumentada, 2008.

Florentino Barrera. *Bibliografía Espiritista del s. XIX. Inventario de Librería y Publicaciones Periódicas*. Catálogo Razonado com secciones de Arte e Historia, edição para bibliotecas, 1983.

Allan Kardec. *Catalogue raisonné des ouvrages pouvant servir a fonder une bibliothèque spirite*, fac-símile de la 2ª. ed., Librairie Spirite et des Sciences Psychologiques, Paris, 1869, introdução de Florentino Barrera 1983.

Allan Kardec. *Catalogue raisonné des ouvrages pouvant servir a fonder une bibliothèque spirite*, fac-símile da 3ª. ed. revisada por P.G. Leymarie, Librairie Spirite, Paris, 1873, introdução de Florentino Barrera, 1985.

Florentino Barrera, *Etienne Dolet un Precursor del Espiritismo*, 1989; 2ª. ed. ampliada, 2002.

Florentino Barrera, *Vida Infinita, ochenta años en el Espiritismo*, (memoria) 1993.

Florentino Barrera. *La Sociedad de París. Société Parisienne des Études Spiritistes*, 1985; 2ª ed. ampliada, 2002.

Allan Kardec, Reprografía (1998) de *Auto-da-Fé de Barcelone*, Bureau de la Revue Spirite, Paris, 1864.

Florentino Barrera. *El Proceso de los Espiritistas*, 1999.

Florentino Barrera. *Resumen Analítico de las Obras de Allan Kardec*, 2000.

Florentino Barrera, *Resumen Analítico de Revista Espiritista 1858-69*, 2001.

Florentino Barrera. *Ensayo Filosófico. Metafísica y Espiritismo*, 2003.

Florentino Barrera. *Literatura y Espiritismo*, 1ª ed., 2008.

Onde ocorreu o Auto de Fé de Barcelona?

Fonte: blog da [USEECE](#)

Transcorridos 150 anos, o exato local da execução do Auto-de-Fé de Barcelona, ocorrido no dia 9 de outubro 1861, ainda é desconhecido. Onde ocorreu o célebre ato de barbárie medieval, resquícios de um tempo de extrema intolerância no campo do conhecimento, em que o poder dominante (civil e religioso) decidia o que denominavam uma “heresia”?

OS FATOS

Na *Revista Espírita* de novembro de 1861, Allan Kardec, noticia aos seus leitores o auto-de-fé ocorrido na cidade de Barcelona, Espanha um mês antes, exatamente no dia 9 de outubro daquele ano, quando foram queimados 300 livros e dentre eles brochuras espíritas. Assim narrou Kardec:

Eis o relato que nos foi dirigido pessoalmente:

“Hoje, nove de outubro de mil oitocentos e sessenta e um, às dez horas e meia da manhã, na esplanada da cidade de Barcelona, lugar onde são executados os criminosos condenados ao último suplício, e por ordem do bispo desta cidade, foram queimados trezentos volumes e brochuras sobre o Espiritismo, a saber:

“A Revista Espírita, diretor Allan Kardec;

“A Revista Espiritualista, diretor Piérard;

“O Livro dos Espíritos, por Allan Kardec;

“O Livro dos Médiuns, pelo mesmo;

“O que é o Espiritismo, pelo mesmo;

“Fragmentos de sonata ditada pelo Espírito Mozart;

“Carta de um católico sobre o Espiritismo, pelo Dr. Grand;

“A História de Joana d’Arc, ditada por ela mesma à Srta. Ermance

Dufau;

“A realidade dos Espíritos demonstrada pela escrita direta, pelo Barão de Guldenstubbé.

“Assistiram ao auto-de-fé:

“Um sacerdote com os hábitos sacerdotais, empunhando a cruz numa mão e uma tocha na outra;

“Um escrivão encarregado de redigir a ata do auto-de-fé;

“Um ajudante do escrivão;

“Um empregado superior da administração das alfândegas;

“Três serventes da alfândega, encarregados de alimentar o fogo;

“Um agente da alfândega representando o proprietário das obras condenadas pelo bispo.

“Uma multidão incalculável enchia as calçadas e cobria a imensa esplanada onde se erguia a fogueira.

“Quando o fogo consumiu os trezentos volumes ou brochuras espíritas, o sacerdote e seus ajudantes se retiraram, cobertos pelas vaias e maldições de numerosos assistentes, que gritavam: Abaixo a Inquisição!

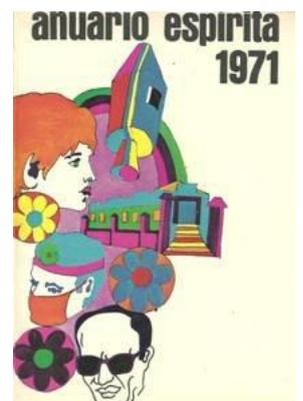
“Em seguida, várias pessoas se aproximaram da fogueira e recolheram as suas cinzas.” Uma parte das cinzas nos foi enviada. Ali se encontra um fragmento de *O Livro dos Espíritos*, consumido pela metade. Nós os conservamos preciosamente, como autêntico testemunho desse ato de insensatez.

Leitura completa do episódio encontra-se na *Revista Espírita* de novembro de 1861, intitulado "O resto da Idade Média - Auto-de-fé das obras Espíritas de Barcelona" e; dezembro de 1861, intitulado "Auto-de-fé de Barcelona (2º artigo)".

ONDE FICA ATUALMENTE A ESPLANADA DA CIDADE DE BARCELONA?

Duas fontes distintas apontam locais próximos e consistentes para a execução da queima das obras, vejamos:

1ª Fonte – *Anúario Espírita* de 1971



Este Homem viu as Obras de Kardec serem queimadas em Barcelona



Bernardo Ramon Ferrer.

114

Anônimo Espírita

Bernardo Ramon Ferrer, este homem simples, teve uma hora marcada com o destino: foi assediado no auto de fé que, em Barcelona, reduziu a cinzas trezentas obras espíritas, incluindo a *Revista Espírita*, o *Livro dos Espíritos*, o *Livro dos Médiuns* e *O que é o Espiritismo*, de Allan Kardec.

Ferrer foi a única testemunha ocular do trágico evento, que, em se tornando espírito e adulto, pôde descrever a façanha inquisitorial. Ele nasceu em 1846, em Barcelona. Estava com 14 ou 15 anos quando, na manhã de 9 de outubro de 1861 viu que uma multidão em barbaquinhos de protesto se reuniu na esplanada da cidade, realizando lugar onde ocorriam as execuções e onde o tribunal da chamada Santa Inquisição reduzia a cinzas indefesas criaturas anatômicas como bruxas, felicitosos ou herejes.

Ramon já não era uma criança, mas um adolescente lúcido e crítico. O que viu impressionou-o por toda a vida. Uma pirâmide de livros novos, recém tirados de sua embalagem, erguia-se no meio da praça. Em torno viu um padre revestido de hábitos sacerdotais, traçando em uma das mãos a cruz, na outra uma tocha acesa. Próximos o tabelião encarregado de redigir o processo verbal do auto de fé, o escrevente do tabelião, um empregado superior da administra-

ção das alfândegas, três sacos (perceiros da alfândega), encarregados de alimentar o fogo e um agente alfândegário representando o proprietário das obras condenadas pelo bispo.

Prio e péreo o padre desceu a tocha aos volumes mais preciosos. As chamas ergueram-se. Depois que o fogo consumiu os volumes e brochuras espíritas, o padre e seus ajudantes se retiraram cobertos pelos apupos e maldições de numerosos assistentes aos gritos de: *Abaixo a Inquisição!*

Ramon fez-lhes ócio. A partir desse dia seu desejo de conhecer o conteúdo daspetas obras não conheceu arrefecimento. Encontrando quem lhe facilitasse a leitura dos livros impugnados, tornou-se espírita. Mais tarde foi companheiro de Amália Domingo Soler, Miguel Vives, Angel Aguard, D. José Maria Fernandes e de Vicente Torres Salust, essa pirâmide de heróis do Espiritismo no planície Terra.

Bernardo Ramon Ferrer foi o primeiro espírita em Barcelona a se casar civilmente no civil. O auto de fé a que assistira fiera-o romper definitivamente com a Igreja.

No Primeiro Congresso Internacional de Espiritismo, realizado em Barcelona, representou o Centro Espírita S. Quilín, de Marles.

Anônimo Espírita

115

Era médium curador de aparadas faculdades, o que lhe permitia, ao longe do tóia a sua vida mitigar o sofrimento de seus conselheiros.

Atraído pelas livres terras do Brasil, Bernardo Ramon Ferrer para cá emigrou, trazendo sua

faúlla. Localizando-se em Pirajuf, no noroeste do Estado do S. Paulo, tornou-se um líder espírita em toda região, fazendo parte da diretoria do Centro Espírita Amor e Caridade, da mesma localidade. Conseguiu pos-



Vista atual da esplanada, onde foram queimadas as obras de Kardec, em Barcelona.

116

Anônimo Espírita

suir fortuna regular. Todavia, morreu pobre, em 1942, aos 96 anos de idade, após longos padecimentos. Homem humilde por natureza, modesto lavrador em nosso país, Ramon foi esquecido quando o Brasil espírita comemorou o 1.º Centenário do Auto de Fé de Barcelona, em 1961. Incansável, estudioso e praticante da doutrina espírita, Ramon Ferrer, todavia, pode ser incluído entre as figuras de maior estatura do Espiritismo em nossa pátria, motivo pelo qual conclamamos nossos companheiros de Pirajuf e, especialmente, do Centro Espírita Amor e Caridade, a providenciar pesquisas em documentos que ajudem a lançar maiores luzes sobre essa singular personalidade, verdadeira ponte entre o Brasil e a Espanha espíritas.

Como estudioso doutrinário, Bernardo Roman Ferrer era leitor de *O Clarim* e da *Revista Internacional de Espiritismo*, cartearando com Cairbar Schutel, em cujo arquivo pudemos colhêr a foto que ilustra estas páginas e as anotações de que nos servimos.

Testemunhando acerca do auto de fé a que assistira, Ramon aditava uma informação curiosa: O livreiro Maurice Lachâtre encomendara as 300 obras a Kardec, atendendo a um pedido de D. José Maria Fernandes, entusiasta espírita e líder barcelonês. Esta circunstância não é mencionada nos estudos a respeito. Segundo Ramon o interesse pelos livros espíritas não era de Lachâtre e sim de Fernandes, que pretendia usá-los na difusão e propaganda do Espiritismo.

Na página 116 temos a foto de uma praça com a referência de que seria a esplanada em Barcelona.

Que praça é esta?



imagem do Google Earth nos revela ser a praça da Catalunha em Barcelona.

PRAÇA DA CATALUNHA

A Praça da Catalunha (em catalão: Plaça de Catalunya) é a mais central e a maior das praças de Barcelona. Tem cerca de 5 hectares de área (a praça ocupa uma área de cerca de 50.000 metros quadrados) e constitui o ponto de união entre o núcleo antigo da cidade. De lá partem importantes vias da cidade como também é a grande artéria comercial da cidade, e antiga porta das muralhas. É especialmente conhecida por suas fontes e estátuas, sua proximidade com algumas das atrações mais populares de Barcelona, e lá podem se observar as centenas de pombos que se reúnem no centro.

Fora das antigas muralhas de Barcelona, entre o Eixample e a Cidade Velha, a Plaça Catalunya é uma enorme praça (50 mil metros quadrados, cinco hectares) rodeada por grandes edifícios de bancos e outras grandes empresas.





A maior parte dos edifícios foram construídos no século XIX, de uma forma caótica, até que a câmara municipal entregou ao arquiteto Francesc Nebot a urbanização definitiva.

Na praça, há duas esculturas, uma de Josep Clarà, La Divinidad (a divindade), outra de Pablo Gargallo, Pastor Tocando el Caramillo (flauta).



Uma peculiaridade desta importante praça é a quantidade de pombos que a sobrevoam constantemente.

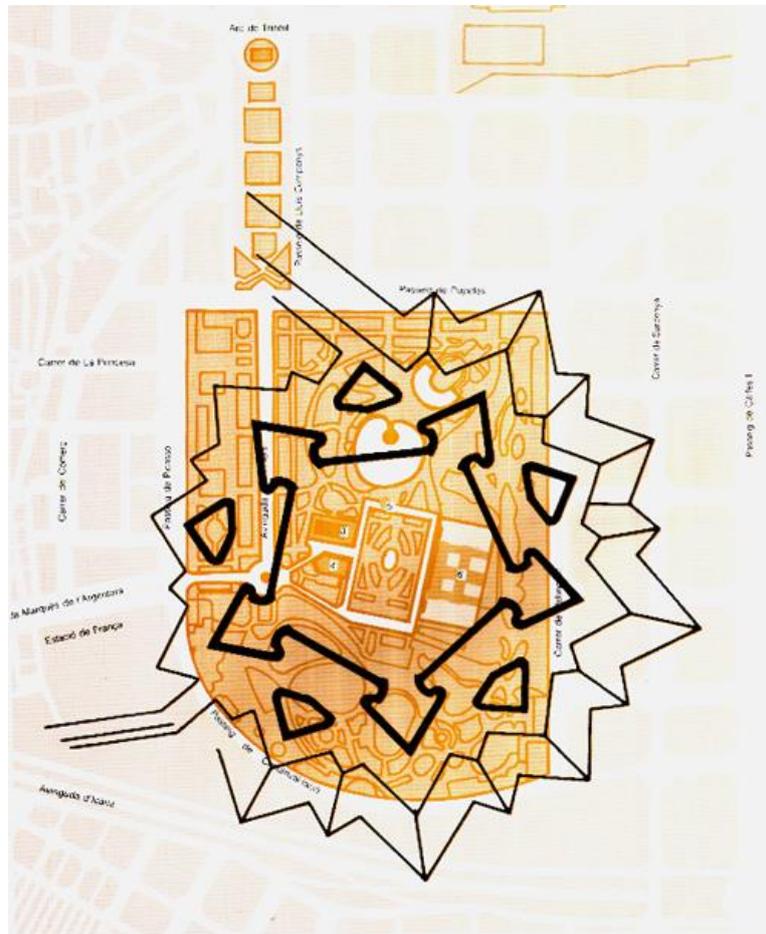
Faça um Tour panorâmico atual desta praça no site:
<http://www.panorammer.com/panoramas/spain-plaza-catalunya.php>

2ª Fonte – *Reformador* da FEB dezembro de 2008

Na mensagem intitulada: “9 de Outubro de 1861”, o espírito Vianna de Carvalho psicografa por intermédio do médium baiano Divaldo Pereira Franco os seguintes informes:

“A imensa esplanada da cidadela de Barcelona destacava-se no casario catalão com a sua imensa fortaleza, no elegante bairro de La Ribera, em forma pentagonal, rodeada de fossos com pontes levadiças e a área destinada à execução dos criminosos condenados à vergonhosa pena capital. (...)

(...) A triste cidadela, onde tantos crimes tiveram lugar, especialmente os que se davam na terrível Torre de Santa Clara, onde eram assassinados vilmente os condenados, graças aos anseios de liberdade dos catalães, asfixiados ou massacrados por Filipe V, que também não pôde fugir à morte, teve os seus dias contados, quando o povo solicitou ao governo, em 1869, que fosse destruída e transformada em jardins, lugares aprazíveis, um imenso parque, hoje glorioso, que em nada faz recordar os dias tormentosos que ficaram no passado.”



Superposição do plano do Parque atual e da cidadela antiga de Barcelona

O PARQUE DA CIDADELA DE BARCELONA

O Parque da Cidadela (Em Catalão: Parc de la Ciutadella) foi durante muitos anos o parque da cidade de Barcelona. Foi construído com base em antiga fortaleza da cidade (daí o nome Cidadela), a semelhança do parque de Luxemburgo em Paris.

Ele está localizado no distrito de Ciutat Vella, no triângulo entre a França Station, o Arco do Triunfo e da Vila Olímpica.



Cobre uma área de 17,42 hectares, sem contar o Zoo de Barcelona. No parque encontra-se o antigo Arsenal de la Ciutadella, atual sede do Parlamento da Catalunha.

A Cidadela foi construída por Felipe V que dominou a cidade após a Guerra de Sucessão espanhola, no século XVIII. Em 11 de setembro de 1714, após um cerco de mais de 13 meses, Barcelona caiu sobre o exército do rei Felipe V.

Construída nos terrenos da antiga fortaleza da cidade, que por sua vez tinha sido construído no passado sobre o bairro antigo do Banco, como punição por Philip V, após a Guerra da Sucessão século XVIII, sua construção foi reivindicar um pouco lento e tortuoso para a compensação pelos herdeiros do antigo bairro de La Ribera eo custo excessivo dos edifícios e muito mais.

Esta cidadela ou fortaleza foi a maior da Europa até então, com uma estrela. A Cidadela foi parte de um complexo militar para dominar completamente a cidade de Barcelona, que construiu ao lado, o Castelo de Montjuïc.



Castelo de Montjuïc.

A construção da cidadela foi realizada entre 1716 e 1718. Na sua construção foi necessário derrubar o Bairro de la Ribera, o que não seria transferido para o Barceloneta até três décadas mais tarde. Foram demolidas 1.200 casas, o convento de Santo Agostinho e Santa Clara. Um total de 4.500 pessoas desalojadas, e foram abandonados à sua sorte. Tendo-se tornado um símbolo odiado do governo central pelo povo de Barcelona, o Conselho Fiscal, em 1841, enviou-o para baixo, apesar de dois anos mais tarde, durante a regência de Maria Cristina de Borbón, foi restaurado, pois ainda não tinha sido totalmente destruída. Quando foi decretado a sua doação para a cidade. Finalmente, graças à Revolução de 1868, procedeu-se à demolição da cidadela, começando com a demolição da torre de San Juan, prisão militar localizado na praça das armas da Cidadela. Do forte original ficaram apenas a capela (hoje Paróquia Militar), o palácio do governador (agora uma instituição de ensino secundário, IES Verdaguer) e o arsenal, agora a sede do Parlamento da Catalunha.



Parlamento da Catalunha

Por ocasião da Exposição Universal de 1888, Francesc Rius i Taulet prefeito encomendou a reforma do parque a Josep Fontserè que desenvolveu o projeto da Cachoeira Monumental, um dos pontos-chave do parque. Gaudí desenhou o projeto de água e uma gruta sob a cachoeira. O monumento apresenta uma profusão de esculturas, que envolveu alguns dos melhores escultores da época: destaca a escultura em ferro forjado do carro de Aurora, Rossend Nobas e o Nascimento de Vênus, dentre outras esculturas. Atualmente Ciudadela Park é um dos maiores do Barcelona. Dentro de suas paredes está o Zoo de Barcelona, e vários edifícios que sobrevivem da antiga fortaleza (a capela, o palácio do governador e do arsenal) e da Exposição de 1888 (Umbracle, Hivernáculo, Museu de Geologia e Museu Zoologia).

O parque é conhecido por seus jardins de grande porte, com árvores de amplas e áreas de passeio e para o lago e cachoeira. O lago é um dos centros nervosos do parque, com várias ilhas e uma profusão de plantas exóticas e animais aquáticos. Pode-se navegar com barcos a remo

ao lado do Jardim Cachoeira romântico, com uma variedade de espécies de plantas.



Leia mais sobre o Parque da Cidadela de Barcelona no site (navegue no Google chrome para tradução):

<http://www.ub.edu/geocrit/ciudadella.htm>

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=119185>

